

LUÍS ANTÔNIO DA COSTA

DOM ANTÔNIO FERREIRA VIÇOSO E A EDUCAÇÃO NO SEMINÁRIO
DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE: O EMPARO AOS ÓRFÃOS E ÀS
CRIANÇAS E JOVENS POBRES NO CONTEXTO EDUCACIONAL DE
MINAS GERAIS.

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2007

LUÍS ANTÔNIO DA COSTA

DOM ANTÔNIO FERREIRA VIÇOSO E A EDUCAÇÃO NO SEMINÁRIO
DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE: O EMPARO AOS ÓRFÃOS E ÀS
CRIANÇAS E JOVENS POBRES NO CONTEXTO EDUCACIONAL DE
MINAS GERAIS.

Monografia apresentada ao Curso de História da
Universidade Federal de Ouro Preto como parte
dos requisitos para a obtenção do grau de
Bacharel em História.

Orientador: Prof. D.r Paulo Roberto de Andrada
Pacheco

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2007.

A todas as crianças e jovens que almejam vencer pelas mãos do *emparo*, e que como muitos, sonham em fazer da sua sociedade um lugar onde as pessoas possam ser tratadas igualmente, sem distinções, convenções ou preconceitos .

Agradecimentos:

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus, responsável por uma força que uns homens têm dentro de si que se chama fé, que me fez chegar até aqui.

Gostaria de agradecer minhas duas famílias, principalmente minha mãe, exemplo de paciência. “Minhas famílias” porque uma é um presente que meu Deus me deu e a outra um presente que eu pude escolher: meus amigos. Meus amigos de sempre, da infância, da república, da escola, da universidade...

Dentre eles gostaria de enumerar vários, mas para essa simples obra, gostaria de mencionar um, que foi parceiro de caminhada, meu amigo e orientador Paulo Roberto de Andrada Pacheco, por sua sempre paciência e seu sorriso incondicional.

Para essa obra gostaria muito de exaltar a acolhida por parte do AEAM (Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana). Essa acolhida não seria tão grandiosa se não fosse a mão do Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues e de suas secretárias, principalmente Luciana.

Também gostaria de agradecer ao ensino público e gratuito que agracia muitas pessoas que não teriam condições de pagar por seu estudo. Nesse contexto gostaria de ressaltar a figura da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto), uma universidade dita pequena, mas comprovadamente se colocando entre as maiores em termos de qualidade de ensino e do que convencionamos chamar no texto de *emparo*. Poucas universidades podem ter uma estrutura tão boa para que um aluno carente possa estudar, conseguindo boa alimentação e moradia gratuitos. Nessa casa gostaria de mencionar vários professores de quem eu tenho um pouco de cada e não diria nomes, apesar de virem na minha cabeça, pois seria uma infâmia se um lapso me fizesse esquecer de algum...

Por fim gostaria de agradecer à História que me fez ver que ela, a História, não é escrita somente pelos generais ou pelos governantes, mas também por educadores, como é o caso do nosso presente objeto de pesquisa.

Luís Antônio da Costa

RESUMO

O presente trabalho apresenta através de um levantamento biográfico o bispo de Mariana, Dom Antônio Ferreira Viçoso, e sua constante preocupação com a educação. Esse homem que se tornaria uma das mais importantes figuras do cenário mineiro oitocentista foi, durante sua trajetória no Brasil, padre, missionário, educador da juventude, protetor dos pobres, dos órfãos, dos escravos e da Igreja, através da sua trajetória foram analisados os aspectos que serviram como base para sua característica marcante no papel de bispo: sua grande preocupação com a educação da juventude. Com base em uma metodologia amparada na História das Idéias Psicológicas, foram analisadas fontes primárias – como suas correspondências e manuscritos – além de literaturas ligadas diretamente ao Bispo. Nesse trabalho pode-se ver que era prioridade para Dom Viçoso a educação da sua sociedade e também a manutenção do Seminário de Mariana. A essa questão se volta a dita pesquisa: o amparo empregado por Dom Viçoso às crianças e jovens desvalidos das Minas Gerais do Século XIX. Todo o ideário do Bispo para com a questão da disciplina de seus padres e da sociedade mineira que refletiram mais tarde na reforma dos costumes de toda sociedade e principalmente do clero mineiro.

ABSTRACT

This study presents, going through a biographical research, Mariana's bishop, Dom Antônio Ferreira Viçoso, and his constant concern about education. This man, that would turn into one of most important persons of Minas Gerais' XIX century, was a priest, a youth's educator and a protector for the poor people, for the orphans, for the slaves and for the church. Through his trajectory, some aspects that reflected in his most evident characteristic, a big concern about youth education, were analyzed. Based on a methodology supported at Psychological Ideas History, primary fonts – like letters and manuscripts – and books about this bishop were analyzed. It's possible to see at this study that Dom Viçoso's priorities were society's education and maintenance of Mariana's Seminary. The research turns to this question: the support given by Dom Viçoso to Minas Gerais' children and abandoned youth at XIX century. His ideas about the discipline at the Minas Gerais' society and the priests, that reflected later on a reform at society's customs and at clergy.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	11
Notas.....	22
II. A FORMAÇÃO DO EDUCADOR VIÇOSO.....	24
2.1. Sua educação familiar e as primeiras letras.....	24
2.2. Ingresso na Congregação da Missão.....	26
2.3. O irmão Joaquim Francisco do Livramento.....	30
2.4. Entre o Caraça e Jacuecanga: Viçoso conhece o Irmão Joaquim.....	33
2.5. A escravatura Ofendida e Defendida.....	34
Notas.....	40
III. A OBRA DE DOM VIÇOSO: O BISPO E SUAS REFORMAS EM MINAS GERAIS.....	41
3.1. Nomeação para o Bispado.....	41
3.2. Dom Viçoso e a reforma Ultramontana: suas bases tridentinas.....	43
3.3. O Seminário e as Casas de Órfãos.....	47
Notas.....	62
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
Notas.....	73
V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74
VI. BIBLIOGRAFIA.....	76

Monografia de Bacharelado apresentada ao Departamento de História da
Universidade Federal de Ouro Preto, sendo avaliadores os seguintes professores:

Prof. D.r Paulo Roberto de Andrada Pacheco

Departamento de Educação

Orientador

Prof.a D.ra Virgínia Buarque

Departamento de História

Prof.a D.ra Glícia Salviano Gripp

Departamento de Educação

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Departamento de História

PARECER

A Comissão Avaliadora, composta pelos professores D.ra Virgínia Buarque e D.ra Glícia Salviano Gripp, da Monografia de Bacharelado de Luís Antônio da Costa intitulada “DOM ANTÔNIO FERREIRA VIÇOSO E A EDUCAÇÃO NO SEMINÁRIO DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE: O EMPARO AOS ÓRFÃOS E ÀS CRIANÇAS E JOVENS POBRES NO CONTEXTO EDUCACIONAL DE MINAS GERAIS”, reunida no dia/...../ 2007, às horas, no ICHS, resolveu conferir ao trabalho a nota (.....), à luz do seguinte parecer:

.....

.....

.....

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais

Certifico que, aos dias do mês de de 2007, às horas, no ICHS, reuniu-se a Comissão Avaliadora designada para julgar a Monografia de Bacharelado de Luís Antônio da Costa, intitulada “DOM ANTÔNIO FERREIRA VIÇOSO E A EDUCAÇÃO NO SEMINÁRIO DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE: O EMPARO AOS ÓRFÃOS E ÀS CRIANÇAS E JOVENS POBRES NO CONTEXTO EDUCACIONAL DE MINAS GERAIS”, sendo a referida Comissão composta pelos Professores D.r Paulo Roberto de Andrada Pacheco (orientador), D.ra Virgínia Buarque e D.ra Glícia Salviano Gripp. A Comissão Avaliadora resolveu considerar o trabalho aprovado, à luz do seguinte parecer:
“
.....
.....”

e, por ser verdade, eu,, secretária do Departamento de História, assino a presente Certidão.

Mariana, de.....de.

Secretária do DEHIS

Visto:

Chefe do DEHIS

I. Introdução

Sabe-se que Minas Gerais, até meados do século XVIII, era considerada pela Coroa Portuguesa bem como pela Igreja Católica “*terra de ninguém*”¹. Mesmo com um substancial crescimento populacional proveniente da crescente força na atividade mineradora, o receio por parte dos setores administrativos da região das Minas era crescente, devido às características rudes do contingente populacional que formavam as vilas mineiras.

Mesmo assim, com algumas investidas ainda no início do século XVIII, Estado e Igreja concretizaram a tentativa de intervenção educacional quando se criou oficialmente o Bispado de Mariana, em 1745, e poucos anos mais tarde quando se fundou o Seminário de Nossa Senhor da Boa Morte – primeira instituição de ensino das Minas Gerais. Tal seminário foi oficialmente fundado em 20 de dezembro de 1750 por Dom Frei Manoel da Cruz. Em seguida, este bispo confiou o Seminário aos cuidados do jesuíta Padre José Nogueira.

Para a presente pesquisa, um momento do seminário será de grande importância: quando Dom Viçoso assumiu o Bispado de Mariana. É nesse momento que o Seminário viveu o seu melhor momento, abrigando inúmeros alunos. Sob a égide dos bispos, o Seminário influenciaria diretamente na formação da sociedade mineira, tendo importante papel não somente na religião, mas também nas questões político-administrativa dessa sociedade. Quanto à questão administrativa do Seminário se torna conveniente citar os Bispos que se seguiram até o período que nos proporemos a estudar: Dom Frei Manoel da Cruz

(1748-1764); Dom Joaquim Borges de Figueroa (1772-1773); Dom Bartolomeu Manuel Mendes dos Reis (1773-1779); Dom Frei Domingos da Encarnação Pontével (1779-1793); Dom Frei Cipriano de São José (1798-1817); Dom Frei José da Santíssima Trindade (1820-1835); Dom Antonio Ferreira Viçoso (1844-1875).

O governo episcopal desses homens teve significativo papel político nas Minas Gerais, na medida em que assumiram não somente o controle religioso e moral das paróquias mineiras e de seu entorno, como também deram um suporte educacional considerável a essa sociedade.

Dentre esses bispos o mais expressivo no âmbito educacional e o que teria empregado substancial atenção ao amparo dos desvalidos, foi Dom Antonio Ferreira Viçoso. Padre lazarista, formado segundo o carisma da Congregação da Missão, que procurava formar o clero segundo o Magistério da Igreja e auxiliar os pobres, Dom Viçoso *“legou uma mentalidade devotada aos deserdados”*² e empregou tal preceito na educação da “mocidade” mineira.

O sétimo bispo de Mariana, Dom Antônio José Ferreira Viçoso, foi, durante a sua trajetória no Brasil, padre missionário, educador da juventude, protetor dos pobres, dos órfãos, dos escravos e da Igreja. Nos mais de trinta anos em que esteve à frente da Igreja Católica em Minas Gerais empenhou-se sempre na luta pela dignidade do clero, defendeu a exaltação da Igreja, assim como sempre cobrou de seus subordinados o respeito à hierarquia dentro dela. Como um dos precursores do Ultramontanismo (movimento de reforma católica que se deu no Brasil no século XIX), proferiu sempre um discurso que visava defender a

santidade da figura do Papa, assim como defendia a importância dos preceitos católicos em que foi criado.

Português de nascimento, Viçoso estudou no convento dos carmelitas em Olhalvo (Peniche), indo depois para o Seminário em Santarém, onde concluiu seus estudos. Com os estudos concluídos no Seminário, se acertou em alistar-se na ordem dos Lazaristas. Lazaristas era o nome empregado aos irmãos da Congregação de São Vicente de Paulo, que por sua vez tinham como objetivo primordial atenderem aos pobres, camponeses, moradores de pequenos lugares onde muitas vezes os preceitos católicos não se faziam muito presentes. Em 1818, Antônio recebeu os Santos Óleos, sendo ordenado sacerdote. No ano seguinte partiu para o Brasil sobre o pretexto de educar os índios da Capitania do Mato Grosso. Sua Majestade, o Rei Dom João VI, pretendia enviar alguns missionários ao Mato Grosso para a missão de catequizar os índios daquele estado e Antônio tratou logo de abraçar tal tarefa. Em fins de novembro de 1819, O Padre Antônio chegou ao Rio de Janeiro juntamente com o Padre Leandro Rabello. No Rio de Janeiro conheceu o Irmão Joaquim do Livramento, de quem falaremos adiante.

Chegando ao Brasil, o Padre Antônio e seu companheiro de missão tiveram a notícia de que outro missionário havia sido pretendido para a missão no Mato Grosso. Permaneceram, então, no Rio de Janeiro, até que foram enviados ao Santuário de Nossa Senhora Mãe dos Homens, no Caraça, em Minas Gerais. Dali, Viçoso foi enviado ao Seminário de Jacuecanga onde permaneceria por quinze anos, até voltar ao Colégio do Caraça.

Por ocasião da Revolução Mineira de 1842, o então padre Viçoso foi com seus alunos para Campo Belo da Farinha Podre, no Triângulo Mineiro, onde recebeu a carta de nomeação para o Bispado de Mariana. E sobre esse período em que esteve à frente da Igreja Mineira de que tratará a parte principal da presente pesquisa: o período em que Dom Viçoso esteve à frente do Bispado e conseqüentemente do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte. Talvez, pela sua prática de longa data como educador, tenha dispensado grande atenção ao Seminário e por conseqüência às atividades educacionais voltadas para o povo mineiro, dando a seus alunos uma educação fundamentada nos preceitos da Igreja Católica: *“No que tange ao Seminário foi colocado em prática a letra e o espírito do Concílio de Trento”*³. Dedicou-se tanto a essa tarefa que quase omitiu a visita pastoral, *“por não deixar o Seminário mal provido no particular de que tratamos”*⁴. Para se ter noção do que significava tal feito, torna-se importante dizer que tal visita era de suma importância para o Bispo, pois através dela os bispos ou algum dos seus subordinados promoviam a *“disciplinarização moral e religiosa nos moldes do Concílio de Tridentino examinando capelas, oratórios, confrarias, sacerdotes, costumes e comportamentos”*⁵.

Com o ímpeto de formar homens de *virtudes*, Dom Viçoso não mediu esforços para dar força ao Seminário e fazer dele um perfeito lugar de saber. Assim sendo, não restringiu tal instituição àqueles que buscavam educação religiosa, abrindo as portas do Seminário aos aspirantes a qualquer que fosse a carreira, dando-lhes a chance de entrar em contato com as ciências.

Assim, em pouco tempo o Seminário teria mais de cem alunos e funcionaria sob um novo regulamento que daria novas ordens ao Seminário no momento de sua reabertura.

Mas, não apenas o Seminário foi foco da preocupação de Dom Viçoso em relação à educação dos jovens e crianças pobres. O Bispo se empenhou também na construção de casas pias de órfãos, que visavam a acolher aqueles abandonados por seus genitores.

É sobre esse assunto que serão voltadas as atenções dessa pesquisa. É esse ponto principal desse trabalho: tentar apurar essa proteção que Dom Viçoso buscava propiciar a esses desamparados. Tentar analisar como Dom Viçoso tratava a questão da proteção a esses desabrigados e também a relação do Bispo com esses desprovidos. Através desse tema serão abordadas as bases que sustentaram a formação de Dom Viçoso para que ele apresentasse o interesse em *emparar* os jovens e as crianças desprovidos de cuidados e de educação.

A partir dessa questão foram analisados os documentos e livros em que se trata tal assunto. Uma literatura bastante utilizada foi a biografia de Dom Viçoso escrita por Dom Silvério Gomes Pimenta. Além de ser biógrafo de Dom Antônio Ferreira Viçoso, Pimenta se fez muito importante para nossa pesquisa, uma vez que, quando criança, foi acolhido por Dom Viçoso no Seminário.

Na obra, é bastante comum notar-se o grande apego que Pimenta tem pela pessoa de Dom Viçoso. Pode-se observar não somente uma relação de respeito pela figura do bispo, mas também se observa que Pimenta exalta seu protetor de

maneira bastante cuidadosa, como se fosse o tratamento de um filho ao seu saudoso pai.

Ao destacar e enaltecer tantas virtudes de Dom Viçoso, pode-se notar que o Padre Silvério não era apenas um letrado que visava escrever fielmente os feitos de Dom Viçoso, mas também um fiel e grato escudeiro, a quem o Bispo de origem portuguesa dispensou grande atenção e zelo.

Em uma sociedade ainda com um olhar influenciado pelo regime escravista, só o fato de Dom Viçoso educar e proteger uma criança negra sem distinção, é o suficiente para se ter uma idéia da experiência de gratidão que esta criança nutria pelo bispo. Seria comum pensar também que Dom Silvério tinha ainda certo carinho pela figura daquele que o preparou para ser um homem de bem e mais tarde uma ilustre figura à frente da Igreja mineira. Dom Viçoso assegurou a Dom Silvério cultura e deu-lhe a oportunidade de despontar como homem letrado. A biografia que escreveu sobre o bispo de Mariana abriu-lhe as portas para, no ano de 1918, concorrer a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, conseguindo-a em 1919. A essa altura, Dom Silvério já se destacava como arcebispo de Mariana por mais de trinta anos e isso tudo numa sociedade que havia abolido a escravidão há bem pouco tempo... Sendo Dom Silvério um negro, esses fatos – a assunção ao Bispado, a eleição para a Academia Brasileira de Letras etc. – ficam carregados de uma tonalidade no mínimo inusitada, sobretudo se olharmos segundo a perspectiva daquela cultura ainda tão próxima dos eventos que culminaram no novidadeiro processo abolicionista.

No ano de 1920 o livro de Dom Silvério já seria considerado – em sua terceira edição – um texto de importantíssimo valor histórico pelo seu editor. Pode-se imaginar o tamanho da importância da obra de Dom Silvério, assim como a importância de Dom Viçoso pelos seus feitos descritos pelo autor na dita obra. Há que se admitir que realmente seja uma obra de grande valor histórico pelo seu número de relatos e documentações analisadas por Dom Silvério, além de ser de grande valor literário, uma vez que o autor escreve com a maestria digna de um imortal da Academia Brasileira de Letras.

Outras obras literárias também foram bastante importantes para a construção desse trabalho, e vale citar alguns nomes de grande importância como Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues, Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho, Cônego Raymundo Trindade, Dom Belchior José da Silva Neto e o Padre Palú, todos biógrafos do Bispo de Mariana. Mariano Calado, bem como Raquel Martins Assis também tiveram suas obras utilizadas para a elaboração do presente texto.

Para o desenvolvimento desse estudo, podemos enumerar da seguinte forma o conjunto de fontes primárias analisadas: a documentação disponibilizada, em caráter especial, pelo Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana – AEAM, referente ao período do governo episcopal de Dom Antônio Ferreira Viçoso. Do acervo desse Arquivo aproveitamos muitas transcrições executadas pelo atual responsável arquiocesano, Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues. Ali encontramos além de suas Cartas Pastorais, algumas cartas pessoais – se é que assim podemos chamá-las –, e até mesmo documentos

relativos ao funcionamento do Seminário. Analisamos também o manuscrito, conservado no AEAM, *A escravatura offendida e deffendida*, no qual Dom Viçoso escreve, no gênero diálogo, em favor da abolição da escravatura. Alguns outros manuscritos foram necessários e importantes para a descrição dos costumes e das regras do Seminário Nossa Senhora da Boa Morte, no período supra. Para reconstruirmos a figura do Irmão Joaquim Francisco do Livramento, também citado por Dom Silvério, dada a dificuldade de acesso às fontes primárias referentes a este personagem, usamos como referência apenas o texto de Henrique Fontes (2002).

Outras fontes menos expressivas também foram utilizadas, sempre no intuito de enriquecer o texto e servir como pano de fundo para a apresentação das idéias principais que sustentaram o pensamento e a ação de Dom Viçoso.

Em todas essas fontes foram observados os aspectos que estavam ligados direta ou indiretamente à questão do *emparo* dos jovens e crianças. Detenhamo-nos, porém, um instante sobre esse conceito a fim de apreender, ainda que apenas inicialmente, seu peso e consistência na vida de Dom Viçoso e, assim, entendermos como ele pôde, lançando mão deste conceito, construir as bases sobre as quais seria erguida toda a obra educativa de seu governo episcopal: de iniciativas simples como a retomada da *Selecta Catholica* (cf. Assis, 2005, 2006), até a reabertura do Seminário, passando pela criação da Casa Pia dos Órfãos e do Colégio Providência. Segundo Silva (1813), em seu *Dicionário da Língua Portuguesa*, a palavra “emparo” tem um significado bastante amplo. Esse dicionário foi, durante o século XIX, o mais utilizado pelos meios educacionais e

pela sociedade brasileira. O verbete “emparo” – derivada do verbo *emparar* – aparece com os seguintes significados no dito dicionário:

Emparar, v.at. (Outros dizem Amparar; nos clássicos vem de ambos os modos; mas emparar parece mais conforme a empor, ou emporen, Vocábulos Allemães, dos quaes provavelmente se deriva, e se derivou o latino bárbaro Emparare). Defender de ruína, damno, mal, cobrindo, protegendo, sustendo: Empara alguém; dar-lhe estado, modo de vida, sustenta-lo, acolher-se com abrigo, defensivo, refugio, asilo (p.665).

Sobre os objetivos desse trabalho torna-se importante ressaltar a identificação pela constante busca de Dom Antônio Ferreira Viçoso, enquanto Bispo de Mariana, pelo *emparo* aos desabrigados. Vale lembrar que, por *emparo* será considerada toda aquela gama de virtudes ofertadas aos necessitados (educação, proteção, abrigo, sustento), Dom Viçoso esteve sempre buscando recursos para acolher seu rebanho desgarrado. Em diversas de suas cartas, sejam elas a amigos, coronéis, padres ou até mesmo ao governo da Província e ainda ao Imperador, Dom Viçoso sempre buscou pedir pelos seus pobres, tentando oferecer a seus jovens e crianças um caminho digno de cidadãos de bem na região das Minas Gerais. E, em partes, conseguiu, uma vez que colocou em prática seu plano de *emparar* os jovens, como veremos adiante. Assim, as idéias difundidas por Dom Antônio Viçoso e seus preceitos lazaristas de auxílio aos necessitados se colocam nessa pesquisa como a mola propulsora da questão do *emparo* proposta como pergunta-tema desta monografia. Sobre a questão do *emparo* ver-se-á que tal escolha não se fez sem razões. A escolha por estudar a vida de Dom Viçoso na questão que o prende ao quesito educacional não é sem sentido. Em primeiro lugar, pelo importante fato de Dom Viçoso ter sido

considerado por vários autores o mais expressivo bispo de Mariana. Não à toa Carvalho(1997) menciona em sua obra que Dom Viçoso

*se impunha a restauração da disciplina clerical, a purificação dos costumes populares, o aprofundamento teológico das devoções em voga, um embasamento evangélico do comportamento cristão, o afastamento de práticas supersticiosas, muitas, aliás, à beira do ridículo.*⁶

Assim foi, talvez, o que mais buscou a formação de um homem virtuoso na sociedade mineira. Outro motivo que não pode ser ignorado é o fato de Dom Viçoso figurar entre os vintes e poucos candidatos a beatificação em terras brasileiras. *“O simples fato de existir um processo de beatificação de Dom Antônio Ferreira Viçoso é indicação muito forte de que ele deve ter sido um homem de raras virtudes.”*⁷

Outro motivo de suma importância é o fato de Dom Viçoso ter sido um homem bastante preocupado com a educação dos menos favorecidos, sempre voltado à proteção das crianças e dos jovens pobres. A partir dos seus preceitos lazaristas de auxílio aos pobres, o Bispo desprende grandes esforços para dar condições de vida àqueles que necessitavam. Talvez, e se assim podemos dizer, uma verdadeira “idéia de inserção social” que para a sociedade oitocentista seria, pelo menos, inovadora. E é nesse ponto que chegamos que apresentamos a idéia central da presente pesquisa. É essa questão que, para o texto, representa a real reforma educacional elaborada por Dom Viçoso. Esse *emparo* é que nos é importante aqui. E assim, justificamos tal interesse na busca pelo tema. Nosso interesse pela educação igualitária, pela inserção social que faz da pesquisa histórica algo que nasce do historiador, ratificando pelas palavras de Certeau (1975):

O objetivo do trabalho do historiador está necessariamente relacionado ao ponto de partida: aquilo que somos. O que determina esta viagem é uma busca da identidade. Eu buscava, no passado, algo que presumira idêntico àquilo que eu era.⁹

Assim, tentamos apresentar o sétimo bispo de Mariana sob um aspecto que mostra o seu lado educador. A sua busca pelo auxílio aos necessitados, dando-lhes aspectos de cidadãos, de homens de bem. Dando aos necessitados o *emparo* que lhes abririam as portas pra uma vida digna.

O primeiro momento dessa monografia compreenderá a vida de Dom Antonio Ferreira Viçoso até o momento em que é nomeado para o Bispado. Nesse capítulo ver-se-á o que cercou este personagem e que serviu de suporte para sua formação: sua primeira educação, o ingresso na Congregação da Missão, sua partida para o Brasil e o momento em que encontra o irmão Joaquim do Livramento e também o período logo da sua chegada ao Brasil; aqui já se fará notar a sua grande preocupação com os menos favorecidos.

No segundo capítulo encontraremos um Dom Viçoso já com os poderes de Bispo, quando já havia assumido a diocese de Mariana. É nesse capítulo que notar-se-á a questão do *emparo* com maior ênfase, pois é o momento em que Dom Viçoso difundirá suas idéias, buscando incutir na sociedade as suas premissas lazaristas de auxílio aos pobres. Neste capítulo, o leitor poderá encontrar uma descrição do trabalho de Dom Viçoso em relação ao Seminário, bem como a construção das casas para órfãos e órfãs. Também para a difusão das idéias cristãs, nessa parte do texto, tem-se um apanhado sobre a reforma na postura da Igreja Católica que se fez presente não somente na Igreja mineira, mas que se difundiu Brasil afora a partir do Ultramontanismo.

Finalmente, na última parte desta monografia, pretendemos demonstrar a real situação que Dom Viçoso deixou sua obra que girou em torno da questão do *emparo*. A partir das suas obras, tanto concretas como no campo ideológico, tentaremos demonstrar essa questão de *emparo* aos necessitados e todo o cenário proporcionado por Dom Viçoso para que acontecessem as mudanças no comportamento e na mentalidade da população mineira. A partir do ideário de Dom Viçoso buscaremos mostrar o sentido de *emparo* numa visão que englobará não somente o Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte e seus seminaristas, mas toda a população que compreendia o bispado de Mariana.

Notas

1. VILLALTA, L.C. O cenário urbano em Minas Gerais setecentista: outeiros do sagrado e do profano. In: Departamento de História - ICHS/UFOP. **Termo de Mariana: história e documentação**. Ouro Preto: Editora da UFOP, 1998, p. 70.
2. CARVALHO, J.G.V. **Viçosa Honra Dom Viçoso**. Viçosa: Jard, 1997, p. 21.
3. Idem, p. 17.
4. PIMENTA, S.G. **Vida de Dom Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana, Conde da Conceição**. 2ed. Mariana: Typografia Arquiepiscopal, 1920, p. 109.
5. ROMEIRO, A.; BOTELHO, A.V. **Dicionário Histórico de Minas Gerais, Período Colonial**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 315.
6. CARVALHO, Op. Cit., p. 30.
7. Idem, p. 1
8. CERTEAU, M. **Política e Mística**. Milano: JacaBook, 1975, p. 295.

II. A Formação do Educador Viçoso

2.1. Sua Educação Familiar e as Primeiras Letras

Antônio José Ferreira Viçoso nasceu numa pequena Península de Portugal, de nome Peniche. Segundo Silva Neto (1965), Peniche era “*o empório das rendas em Portugal*”¹. Antônio era o quinto filho do casal Jacintho e Maria Gertrudes, católicos fervorosos que se preocupavam largamente com a educação de seus filhos, doutrinando-os para uma vida cristã.

Antônio nasceu, segundo Pimenta (1920), aos treze dias do mês de maio do ano de 1787 e logo seus pais “*não demorarão procurar-lhe a vida d’alma nas águas do baptismo*”², como rezam os preceitos católicos. Teve como seu padrinho o frei Fructuoso, que também havia apadrinhado seus irmãos.

Cresceu num ambiente acolhedor, pois, apesar de não fazer parte de uma família consideravelmente abastada, ainda sim “*bastavão a mantel-os com folga suficiente*” e “*até os habilitavam a fazer algumas esmolas com alguma largueza*”³. Sua mãe, enquanto o pai trabalhava para o sustento da família, se encarregava da educação dos filhos, voltados para o temor a Deus. Assim, já aos nove anos de idade o menino Antônio iniciava-se na leitura e havia confessado seus pecados. Segundo Palú (2003), “*Dom Viçoso recordava com ternura a devoção e a piedade de sua mãe e seu zelo ardente pela educação dos filhos*”⁴.

Também aos nove anos, foi levado pelo seu padrinho, frei Fructuoso, para um convento de carmelitas em Olhalvo, para que pudesse concluir as primeiras

letras. Segundo a biografia escrita por Dom Silvério Pimenta, o menino Antônio se destacava como uma criança prestativa e “ajudava os padres nos ofícios do coro e do altar”⁵. Quando esteve em Olhalvo

*Os religiosos o receberam de braços abertos. Antônio começou a estudar e em pouco tempo dominou as primeiras letras, chegando a aprender regularmente o latim. Muito ativo e pronto, prendeu ele a admiração dos frades mais idosos, cantando no coro com voz firme e desembaraçada, ora servindo o altar, ajudando a Santa Missa ou as cerimônias dos ofícios litúrgicos.*⁶

Antônio teve uma infância como outras crianças de sua época, cheio de travessuras, e foi personagem de algumas anedotas contadas na obra de Pimenta (1920), como quando fugiu do Convento de Olhalvo, ou ainda quando tirava pão e carne, com seu amigo, do refeitório onde trabalhavam.

Certa vez, como conta Pimenta (1920), Deus livrara o menino Antônio da morte, quando ainda vivia na casa de seus pais. Antônio, na companhia de outros três meninos, voltava de Lisboa, quando passaram em frente ao mar. No afã de refrescar-se, Antônio se distanciou muito da margem e logo estava a se afogar. Um dos meninos, mais crescido, puxou-o pelos cabelos, arrancando-lhe das águas que já submergia o pequeno Antônio. Apesar dessas travessuras, Pimenta (1920) também afirma que Antônio parece ter encontrado pessoas no Convento que realmente simpatizaram com a sua pessoa e, que, segundo o autor, quando, no final de dois anos, partiu, “desejarão aqueles frades conserval-o sempre em sua companhia pelo muito que o tinham no coração...”⁷.

Mudou-se então para o Convento de Santarém, acompanhando seu mestre no Convento de Olhalvo, Frei Bernadino. Nesse convento, Antônio continuou o

curso de latim e logo depois rumou para o Seminário da mesma cidade, quando concluiu o curso de língua latina.

Permaneceu sete anos no Seminário de Santarém, onde estudou Grego, Historia, Filosofia, Retórica e Teologia Dogmática. Era tão bom aluno que nos seus últimos dois anos se empregou no ensino do latim, até que atingisse a idade para a ordenação. Mas aconteceu que a Sé de Lisboa permaneceu em uma prolongada vacância, o que fez com que Antônio voltasse para a casa de seus pais, até que pudesse ser ordenado e seguir sua missão. Segundo o padre Palú (2003), já nos tempos de formação, o jovem Viçoso nutria uma admiração pela Congregação da Missão. Para Antônio, ele deveria seguir um caminho onde pudesse estar voltado para uma vida de desprendimento: *“a consciência da força de uma vida feita de ajuda mútua, de trabalhos em grupo, de correção fraterna, de edificação recíproca tudo reforçado pela benção vinda dos Superiores”*⁸.

2.2. Ingresso na Congregação da Missão

Antônio passou considerável tempo na casa de seus pais. Enquanto passava os dias no aconchego do lar em que havia nascido, ansiava, segundo Pimenta (1920), ser ordenado e *“acostumado desde os primeiros anos à sujeição do claustro, e a obedecer aos superiores, começou a sentir os perigos da liberdade...”*⁹.

Apesar de jovem – contava com pouco mais de vinte anos –, possuía uma vasta experiência. Havia estudado diversas disciplinas e dominava-as de tal modo, que, no tempo em que estava a esperar pela idade mínima para ordenação e por ocasião de sua estadia no Seminário de Santarém, ensinou latim ali por dois anos.

Viçoso estava convicto de suas vontades e resolveu abraçar a vida religiosa:

Restava ainda decidir qual das ordens lhe devia merecer preferência[...] consultou entre outras pessoas um religioso arrabido, experimentado, douto, e muito entendido nessas matérias, o qual lhe declarou como, entre todas as comunidades de Portugal, primavam os Lazaristas e Varotojos pela observância e reformação de costumes, e pelo zelo com que se empregavão em granjear almas para Jesus Christo.¹⁰

Antônio escolheu então a Congregação criada por São Vicente de Paulo, de quem se observará um breve apanhado.

São Vicente de Paulo nasceu em Gasconha (França) em 1576, numa família de condições humildes que vivia do próprio trabalho. Foi educado juntamente a seus cinco irmãos sob os preceitos católicos e, desde cedo, sempre se mostrou presente na Igreja. Cresceu, estudou e aos 24 anos foi ordenado sacerdote. Por volta de 1605, caiu sob o poder de piratas e foi vendido como escravo para muçulmanos de quem esteve cativo por dois anos. Conseguiu se desvencilhar do seu cativo e logo voltou para Paris. Na capital francesa se dedicou por alguns anos ao serviço dos doentes no Hospital de Paris. Quando a Província de Lorena se viu devastada pela guerra, Vicente se passou por mendigo, esmolou em benefício das vítimas da catástrofe, levantando considerável quantia em dinheiro para o auxílio aos pobres.

A mansidão, a caridade e a paciência de Vicente faziam com que ele pudesse sempre levar a palavra de Deus a quem fosse, pregando na cidade e nos campos. Acompanhado por sacerdotes regulares, fundou em 1624 a Congregação da Missão e fixando residência no antigo leprosário de São Lázaro, de onde a congregação herdou o nome de Lazaristas. Fundou também a Confraria da Caridade – organização caritativa de ambos os sexos –, e em ambas as congregações buscava sempre centralizar as obras de caridade e beneficência aos pobres, aos enfermos, as crianças, as moças desamparadas.

Em 1693, a Congregação teve a aprovação do Papa Urbano VIII. Os sacerdotes que compunham a congregação faziam os três votos simples monásticos: da pobreza, castidade e obediência, e trabalhavam na conversão dos pecadores e na formação do clero e na sua própria santificação. Uma característica importante de São Vicente de Paulo, seguida pelos lazaristas, era o seu grande amor ao próximo.

São Vicente morreu aos 27 de setembro de 1660, sendo canonizado em 1737 pelo Papa Clemente XII.

Os lazaristas tinham uma casa em Rilhafolles, em Portugal. Viviam ali cerca de quarenta congregados quando Viçoso procurou por eles. Estes lazaristas, *“pela compostura de todos seus actos e praticas de virtudes christãs e apostólicas, eram apontados pelo povo como exemplares”*¹¹. Tinham como ocupação o trabalho missionário dirigido aos pobres dos campos e lugares pequenos, fazendo-o às suas custas, sem receber nenhuma forma de presente ou pagamento dos fiéis que catequizavam.

Convicto de que seria aquela a congregação escolhida para si, Antônio procurou o superior da congregação, o Padre Franco, apresentando-lhe o seu requerimento de ingresso em tal ordem.

Depois de dois anos de ansiosa espera, seu pedido foi deferido pelo Padre Franco e, aos 25 dias de julho de 1811, trocou os hábitos seculares pela vida na Congregação da Missão.

Estava com 24 anos quando entrou em Rilhafolles e, segundo Dom Silvério Pimenta (1920), em dois anos já estava apto a ser considerado um de seus importantes congregados, *“pela aplicação exacta que poz em empregar o tempo, e satisfazer os mais mínimos pontos da regra que abraçara”*¹². Concluindo seus dois anos de noviciado, Antônio gastou mais cinco, divididos pelo estudo. Estudou as Matemáticas Elementares (Aritmética, Geometria e Álgebra), Teologia Moral e Dogmática, Direito Canônico, História e Liturgia. Ordenou-se em 1818 e logo após foi lecionar Filosofia em Évora, numa casa da Congregação dos Vicentinos. De volta a Lisboa, atende à vontade de Sua Majestade D. João VI de mandar missionários ao Brasil, para a evangelização dos índios no Mato Grosso. Sua vocação missionária lhe enviou ao Brasil, de onde nunca mais voltaria para sua pátria.

Ao chegar ao Brasil, houve de ficar esperando alguns meses, pois o Rei tinha para ele e para o seu companheiro de Missão – o Padre Leandro Rabello – outros planos. Quis Dom João que os padres fossem para Minas Gerais, sob o intuito de assumirem a direção do Colégio do Santuário do Caraça.

Durante sua permanência no Rio, o Padre Viçoso conheceu o Irmão Joaquim do Livramento, que teria mais tarde despendido grande esforço para conseguir seus préstimos no Seminário de Jacuecanga, no litoral fluminense. O Irmão Joaquim demonstrou logo que conheceu o Padre Viçoso, uma grande admiração. Viveriam mais tarde uma grande amizade.

2.3. O Irmão Joaquim Francisco do Livramento

Alma dessas que aparecem de maravilha no mundo, e que mais honram a terra onde nasceram, do as façanhas decantadas dos Cipiões e Alexandres; Vicente de Paulo Brasileiro, tão pouco apreciado na pátria que logrou seus benefícios, seu nome andaria na boca de todos, e sua memória eternizada em monumentos grandiosos, se a gratidão para os merecimentos verdadeiros fora virtude mais comum na terra dos mortais.¹³

O Irmão Joaquim Francisco do Livramento foi uma figura de suma importância para melhor entendermos a idéia de *emparo* abraçada por Dom Viçoso. Assim, vale apresentar uma breve síntese desse irmão leigo catarinense.

Joaquim Francisco da Costa foi batizado a 22 de março de 1761, dois dias após o seu nascimento. Nasceria durante a semana santa, numa sexta-feira da paixão. Seu pai, Tomás Francisco da Costa, que era ainda um simples operário, e sua mãe Mariana Jacinta da Vitória, eram imigrantes, vindos da Ilha do Faial, nos Açores.

Desde a infância, Joaquim Francisco já demonstrava extremo fervor religioso, como afirma Fontes (2002) na biografia do irmão catarinense, quando mostra que um de seus entretenimentos prediletos era “*levantar pequenos*

oratórios e entoar cânticos sagrados”¹⁴. Aplicadíssimo aluno do curso das primeiras letras, Joaquim Francisco logo se destacava pela perfeição na escrita o que fez com que o pai o tornasse caixeiro de sua loja.

Mas, segundo Fontes (2002), como “*os misteres comerciais não o distraíam das práticas religiosas*”¹⁵, deixou o comércio do pai aos dezessete anos, e tão logo já se postava como um zelador da Igreja, ajudando na arrumação da mesma, assim como nas celebrações dos sacerdotes.

Tanto era religioso como caridoso, Joaquim Francisco começou um estilo de vida que influenciariam diretamente a vida da sociedade de Florianópolis, de maneira bastante positiva. Como irmão leigo, levou uma vida de desprendimento com o universo material e teve uma vida marcada pela vontade de ajudar os necessitados.

*Estava resolvido a deixar todas as comodidades, pai mãe e parentes, e que queria ir peregrinar à Divina Providência, que Deus assim o tinha determinado, que os maiores trabalhos eram a sua consolação.*¹⁶

Joaquim Francisco já não assinava o sobrenome Costa, pois passou a utilizar em seu lugar o sobrenome Livramento, atribuindo tal feito à sua devoção a Nossa Senhora do Livramento. Também almejava ser um irmão na Ordem Franciscana – como assim o fez mais tarde – e ir para Portugal, peregrinar em nome da Santa Providência. Havia abdicado de todo o conforto da casa de seus pais em nome de uma vida de beneficências em prol dos necessitados. Apesar de decidido, teve um insucesso em sua viagem, o que fez com que o Irmão Joaquim permanecesse em Florianópolis. Providencial foi o seu insucesso, pois, ficando em Florianópolis, ajudou na construção de um hospital em sua terra natal,

enquanto esmolava e revertia toda renda para a obra dessa casa. Teve como grande auxílio na empreitada a presença do pai, que também era feitor do hospital e a quem pertencia o risco do prédio. Irmão Joaquim também auxiliou na ereção de outro hospital em Porto Alegre, assim como asilos e casas pias em Salvador, Rio de Janeiro, Itu e Santana (São Paulo), para onde esmolava em prol de crianças desvalidas e doentes além de sempre buscar difundir as práticas religiosas. Dessas suas andanças havia chegado a Portugal e por diversas vezes encaminhou pedidos à Rainha assim como a seus subordinados no Brasil.

Para a presente pesquisa, duas obras do Irmão Joaquim serão importantes: uma, a Casa de Órfãos da Bahia, que será citada por Dom Viçoso quando a toma como exemplo em uma de suas pastorais. A outra, a Casa Pia da Santíssima Trindade da Jacuecanga, que estabeleceu legalmente no Rio de Janeiro em 1808, ano em que chegou ao Brasil a Família Real Portuguesa. Por ora, voltaremos às atenções à Casa Pia de Jacuecanga. A fazenda doada pelo Tenente-coronel Manuel da Cunha de Carvalho ficava na Ilha Grande e serviria de *“casa para a educação da puerícia pobre e desamparada”*¹⁷.

O seminário de Jacuecanga inaugurou-se a 2 de fevereiro de 1809. A casa serviria de *“abrigo e amparo aos pobres enfermos e aos meninos órfãos e enjeitados”*, contudo o seu fim primário seria a *“educação da mocidade desamparada”*. Para as regras da Casa, o irmão Joaquim *“seguiu São Vicente de Paulo, cuja regra foi primeiro [...] executada e aprovada pela experiência, antes de ser coletada a corpo de lei e estatutos”*¹⁸.

Ponto importante a ser mencionado é que a Casa Pia não servia somente aos meninos ali acolhidos, mas também à população vizinha, que, por muitas vezes, ocupava o corpo de sua capela em orações conjuntas aos meninos.

2.4. Entre o Caraça e Jacuecanga: Viçoso conhece o Irmão Joaquim

Dez anos se passaram da inauguração do Seminário de Jacuecanga e eis que chegam ao Rio de Janeiro os Padres Antônio Ferreira Viçoso e Leandro Rabello Peixoto, padres esses da Congregação de São Vicente de Paulo. Sem perder tempo, o Irmão Joaquim, que estava ciente de tal chegada se apressou em encontrá-los:

Sabedor da chegada desses missionários, correu o Irmão Joaquim a fazer-lhes cordial visita; e para ele o Padre Antonio Ferreira Viçoso, 'estas duas almas das mais puras e santas, que então havia na Terra o mesmo foi verem-se que penetrarem-se e amarem-se'. E desde logo nasceu em Joaquim o desejo de possuí-lo para o seu Seminário em Jacuecanga.²⁰

Logo os padres lazaristas Antônio e Leandro partiram para o Caraça, a pedido de Dom João. Partiram do Rio de Janeiro e chegaram ao Caraça no dia 15 de abril de 1820, após uma longa viagem, que contabilizou 45 dias no lombo de cavalos. Por instrução do Rei, tomaram posse dos bens que o Irmão Lourenço – fundador do Santuário do Caraça – havia deixado e logo começaram a pregar missões na região e ativar o colégio. Mas enquanto o Padre Antônio zelava pelas crianças do Santuário de Nossa Senhora Mãe dos Homens, o Irmão Joaquim dispensava grande tempo movido pela vontade de levá-lo para Jacuecanga e

pediu a Dom João VI que o buscasse em Minas Gerais e “*ali mesmo escreve o Príncipe ao Sr. Dom Frei José da Santíssima Trindade*”²¹ solicitando a presença do Padre Antônio Viçoso nos serviços do Seminário de Jacuecanga.

Chegando a Jacuecanga, o Padre Antônio Ferreira Viçoso teria uma grande tarefa: cuidar do Seminário, para que o Irmão Joaquim pudesse dividir, mais à vontade, sua tarefa entre a casa de Itu e Jacuecanga. Nesse período, Viçoso não só administrou o Seminário, como também lecionou, “*acudindo a todas as precisões daquela gente de sorte que êle só desempenhava as partes de mestre, de regente, de reitor e mais de pároco*”²².

Nos quinze anos em que viveu em Jacuecanga, Viçoso fez prosperar os bens espirituais das redondezas, promovendo devotas festas e pregando a palavra divina à vizinhança. Com o passar desses cinco anos, Viçoso retornou às Minas, entregando a direção de Jacuecanga a dois padres provenientes do Caraça. Voltando ao Caraça, foi nomeado Diretor do Colégio, além de ser eleito Superior Geral dos Lazaristas no Brasil. Durante a revolução de Minas, em 1842, levou seus alunos para o Triângulo Mineiro, onde recebeu a carta de nomeação para Bispo de Mariana. Pouco tempo depois de sua partida, a Província do Rio de Janeiro transformou a Casa Pia em liceu e transferiu-a para Angra dos Reis, onde, alguns anos mais tarde, se extinguiu.

2.5. A Escravatura ofendida e defendida

No período em que esteve no Santuário do Caraça, travou um embate ideológico contra seu grande amigo padre Leandro Rabello. Seu velho amigo de missão defendia os ideais escravocratas, que sustentavam a aristocracia nacional através da força do negro africano.

Silva Neto (1965) cita em sua obra a constante preocupação do padre Viçoso com a situação dos africanos trazidos para o trabalho escravo no Brasil:

*Padre Viçoso não se conformava com a triste sina dos pobres negros, homens como nós, traficados, todavia, como animais indefesos, arrancados da pátria distante, onde deixavam parentes e amigos, reduzidos gora aos trabalhos forçados, à exploração e à miséria.*²³

Um dos principais documentos acerca das idéias sobre defesa, bem como amparo, que marcavam a ação de Dom Viçoso é, com certeza, o seu texto manuscrito “*Escravidura Deffendida e Offendida*”, de 1840.

Nesse texto, escrito pelo então padre Viçoso, tal autor busca denotar suas idéias sobre a proteção e igualdade entre os homens, e mostra, através de um diálogo, suas idéias favoráveis ao fim da escravidão. Através de um diálogo entre dois amigos, o padre Viçoso tenta defender o negro africano, através da figura de um homem de nome Luiz. A sua maneira de pensar a situação do escravo no Brasil e sua luta a favor do fim do sistema escravocrata estão representadas na figura de Luiz, que discute a situação do negro com seu amigo Theodoro. Para Luiz, a melhor forma de um país feito o Brasil prosperar, seria, a exemplo de países como a Inglaterra, instituir o trabalho assalariado em detrimento do trabalho escravo, pagando um preço justo pelo trabalho desses homens. Também através da figura de Luiz, Dom Viçoso critica o Governo Imperial que quer, naquele momento, se firmar como nação próspera, mas ainda

está preso ao sistema escravocrata, num momento em que toda a Europa – em desenvolvimento consolidado – não mais se apoiava nos moldes da economia escravocrata.

Também sobre a questão, o padre Viçoso menciona Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787) – advogado e grande defensor das resoluções do Concílio de Trento no século XVIII – e se utiliza da figura do santo para citar as leis. Nesse contexto, Viçoso reafirma, através de Luiz, as leis penais dos antigos códigos canônicos (A.5 tit.1 § 29) e tenta mostrar a doutrina dos homens “*mais versados*”, tentando se utilizar de tais leis em favor do escravo.

Assim, através das palavras de Luiz, o padre Viçoso cobra uma postura mais enérgica do Governo, para que o mesmo faça valer o direito dos escravos:

A vista disto não podeis ajudar os súbditos de huma lei violada q.do essa lei se julga revogada pelo legislador. Fazendo porém applicação de doutrina supra do caso em questão, creio que ninguém he que ignore só que o nosso Governo sabe que a sua lei nunca foi observada, pois sabe que se tem negociado tantos ou mais africanos do que dantes da lei [...] o governo nunca puniu pela sua importação na corte e províncias.²⁴

A lei a que se refere o padre Viçoso no fragmento acima é a lei de 7 de novembro de 1831 que proibia o tráfico de escravos no Brasil e previa pena de 3 a 9 anos de prisão, ou multa de 200\$000 por cabeça de escravo, segundo o próprio padre Viçoso em seus manuscritos.

Também nesse contexto, o padre Viçoso se mostra extraordinariamente inteligente. À personagem Theodoro, o padre Viçoso imprime um ideário legitimados por conceitos verdadeiros e muitas vezes retirados de contextos hagiográficos, além de, em algumas passagens, dos códigos canônicos ou da Sagrada Escritura. Theodoro cita Abraão e seus escravos, além de afirmar que os

gregos – um dos mais expoentes povos de todos os tempos – tinham escravos. Em contrapartida, Viçoso emprega tão grande afincos aos seus ideais, através de Luiz, que dá à ele um caráter muito mais humanitário. Isso faz com que Luiz seja um grande defensor da liberdade para todos os homens e, por consequência, se sobressair sobre o amigo Theodoro.

Ainda sobre a questão dos africanos escravizados, depois da Lei de 7 de novembro de 1831, o padre Viçoso escreve uma resposta à um folheto redigido por um padre que legitimava tal escravidão. Esse documento, de nome “*Escravatura*”, talvez tenha sido em resposta a seu velho conhecido, padre Leandro Rabello:

Um Eclesiástico respeitável da Província de Minas escreveu há pouco um folheto em que pretende provar que é licito comprar os africanos exportados n Brasil, ainda depois da lei de 7 de novembro de 1831. [...] Muitas autoridades terão sido coniventes na importação; com tudo, o Governo não cessa de providenciar mais ou menos para observância da Lei: muitas e muitas famílias sérias não têm animado a comprá-los.²⁵

Com a defesa do escravo, através do texto “*Escravatura Offendida e deffendida*”, o então padre Viçoso cultivaria “*uma longa inimizade com seu primeiro companheiro no Brasil, o padre Leandro Rabello Peixoto, favorável à escravidão*”²⁶.

Passagem interessante, descrita por Pimenta (1920), retrata o embate ideológico entre os velhos amigos Viçoso e Peixoto. Enquanto o padre Leandro apoiava a idéia de “direito natural” adquirido pelos escravocratas, Viçoso tomou posição contrária aos detentores de escravos no Brasil. Pimenta (1920) também tenta demonstrar em sua obra que, apesar da impressão que se tem de inimizade entre os dois,

é certo que não houve a menor quebra de amor por parte de nosso Antônio para com seu companheiro, outr'ora superior, e então seu súbdito. Alguns por ligeireza de juízo pretenderão descobrir desafeição ou malquerença entre elles, por não o ter visitado o Padre Antonio em sua derradeira enfermidade, sem advertir que o verdadeiro e único motivo dessa ausência o estar esse doente a esse tempo em consequência de uma hérnia, que lhe embargava viajar.²⁷

Prova disso também é um manuscrito da época, relatando resquícios do episódio. Esse documento sem assinatura se refere a uma carta ditada pelo próprio Padre Leandro Rabello Peixoto, onde se relata sua enfermidade, que se seguiria por seu falecimento. Tal manuscrito traz a idéia de que o Padre Peixoto também continuou guardando seu amigo em seus melhores sentimentos:

Os folhetos do Pe. Leandro são muito bem feitos ou escritos. Nessa ocasião o pe. Leandro estava doente gravemente e me disse se eu fosse consultado quem deveria ser eleito pra Bispo de Mariana, eu dava o Vr. Ferr.a Viçoso pois he muito digno de ser.²⁸

Observa-se nos dois fragmentos que, apesar do embate ideológico, os padres Antônio Ferreira Viçoso e Leandro Rabello Peixoto continuaram unidos através de um grande laço de fraternidade, ainda que distantes em seus ideais. O Padre Leandro Rabello Peixoto veio a falecer no dia 28 de agosto de 1841, na cidade de Ouro Preto. Após um considerável período em que esteve com a saúde bastante debilitada, morreu o velho amigo de Viçoso, não podendo presenciar a sua indicação como Bispo, para a direção da Diocese de Mariana.

Mantendo-se nesse ideal de igualdade entre os homens e, por consequência, defesa ao escravo, nota-se a vontade que o padre Viçoso emprega em tomar partido dos menos favorecidos. Nessa ocasião, assim como outras, quando Viçoso parte em defesa dos menos agraciados tem-se uma “*relação muito estreita entre os campos da moral e da política*”²⁹, uma vez que ele se

ampara em leis, assim como nos costumes morais. Assis (2005) afirma que “*Dom Viçoso, afiançando-se nesse ideal de justiça pressupõe a igualdade entre todos os homens, colocou-se abertamente contra a escravidão*”³⁰.

Assim como para os desamparados, Dom Viçoso buscou defender os interesses dos negros africanos e, com base no carisma lazarista, procurou defender a idéia de que “*se Cristo instituiu a igualdade entre os homens, amando do mesmo modo os pecadores, ricos, as crianças, as prostitutas e os cobradores de impostos, então a escravidão não deveria existir*”³¹.

Em correspondência ao amigo e compadre José Rabello de Campos, datada de 5 de Outubro de 1850, já no cargo de Bispo de Mariana, Dom Viçoso ainda se mostrava preocupado com a questão da escravidão. Nessa correspondência, Dom Viçoso aconselha seu compadre a não abandonar a advocacia para tornar-se fazendeiro e escravocrata, mostrando assim sua grande preocupação com os seus em não aderir ao movimento escravocrata:

*Quanto À sua consulta se será bom largar a advocacia, à imitação de São Ligório e outros santos, e comprar africanos para a agricultura, eu digo que não é lícit tal compra, porquanto houver quem cá os compre haverá quem os vá comprar(ou roubar à África) cousa tão oposta à humanidade...*³²

Notas

1. SILVA NETO, B.J. **Dom Viçoso**: Apóstolo de Minas. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1965, p. 12.
2. PIMENTA, S.G. **Vida de Dom Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana, Conde da Conceição**. 2ed. Mariana: Typografia Arquiepiscopal, 1920, p. 3.
3. Idem, Ibidem.
4. PALÚ, L. **Dom Antônio Ferreira Viçoso, C.M.** Curitiba: Vicentina, 2003, p. 7.
5. PIMENTA, Op. Cit., p. 7.
6. SILVA NETO, Op. Cit., p. 22.
7. PIMENTA, Op. Cit., p. 8.
8. PALÚ, Op. Cit., p. 7.
9. Idem, p. 20.
10. Idem, p. 11.
11. Idem, ibidem.
12. PIMENTA, Op. Cit., p. 14.
13. FONTES, H. **O Irmão Joaquim, Vicente de Paulo Brasileiro**. Florianópolis: Ed. Fac-similar – IOESC, 2002, p. 5.
14. Idem, p. 10.
15. Idem, Ibidem.
16. Idem, p. 25.
17. Idem, p. 88.
18. Idem, p. 92.
19. Idem, p. 98.
20. Idem, p. 100.
21. PIMENTA, Op. Cit., p. 35.
22. SILVA NETO, Op. Cit., p. 16.
23. AEAM - Manuscritos de D. Antônio Ferreira Viçoso. Bispo de Mariana, Conde da Conceição. 1840. p. 76
24. Idem, p. 44.
25. Idem, ibidem.
26. ASSIS, R.M. A importância da educação e da tradição: lições do jornal religioso *Selecta Catholica* (1846-1847) sobre o cultivo das faculdades da alma e do espírito humano. **Memorandum**, Belo Horizonte/Ribeirão Preto, n. 8, pp. 106-115, 2005. Disponível em <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/assis01.htm>>. Acesso em 11/05/2006
27. PIMENTA, Op.Cit., p.50.
28. ASSIS, R.M. A inteligência à deriva e a enfermidade social: idéias sobre ser humano e sociedade difundidas em Minas Gerais pelo jornal religioso *Selecta Catholica* (1846-1847). **Memorandum**, Belo Horizonte/Ribeirão Preto, n. 11, pp. 59-70, 2006. Disponível em <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/assis02.htm>>. Acesso em 03/07/2006.
29. ASSIS, 2005, p. 5
30. Idem, Ibidem.
31. AEAM – Cartas Escritas por Dom Antônio Ferreira Viçoso. 1 volume.

III. A Obra de Dom Viçoso: o Bispo e suas reformas em Minas Gerais

3.1. Nomeação Para o Bispado

Estava ele, entretanto, naquele ano de 1842, em Congonhas quando soaram em Minas gerais os clamores alvoroçados da rebelião republicana. E foi ali que o procurou o Padre Antônio Afonso de Moraes Torres com a incumbência de o aconselhar a transferir-se com todas as pessoas do Caraça para o Colégio de Campo Belo da Farinha Podre (hoje Campina Verde) no Triângulo Mineiro, dada efervescência política, a perturbação da guerra civil e os inconvenientes e perigos que a conturbada situação poderia ocasionar se ali continuassem.¹

Em agosto de 1842, o padre Viçoso foi juntamente com seus alunos para Campo Belo e lá chegou ao início do mês de outubro. Logo que começou o trabalho naquela localidade, recebeu a notícia de que seria o novo bispo de Mariana. Após sua indicação pelo governo e efetuada a confirmação pelo Papa, *Sua Santidade Gregório Décimo Sexto*.

Tão logo chegou a Mariana, viu que os longos anos em que a Diocese permaneceu vacante foram extremamente prejudiciais e sua diocese estava numa grande desordem e num *“lamentável naufrágio da moralidade clerical”*².

A partir desse momento, será notória sua busca pela moralização e disciplina da sociedade mineira, voltando sua atenção, naquele momento, especialmente para uma constante educação do clero de então, bem como para a excelência do Seminário que, por sua vez, se tornaria importante pólo de difusão das idéias lazaristas. Aqui notaremos um dos principais preceitos da Congregação da Missão, que era auxiliar os pobres. Outras instituições como o Colégio Providência e a Casa dos Órfãos serão de suma importância para o

desenvolvimento da sociedade mineira e sua constante vigilância e disseminação da fé católica:

Terminada a Sagração Episcopal [...] o Sr. Dom Antônio Ferreira Viçoso atirou o olhar sobre a dolorosa situação em que se achava a sua Diocese Marianense. Viu o clero intelectualmente forte, formado nas ciências eclesiásticas nos Seminários de Congonhas, Caraça, Mariana. Mas viu também a desgraça moral que invadia o campo da Messe [...] onde as mais baixas e escandalosas uniões se arrastavam na lama senhores, capatazes e presbíteros.³

A 24 de janeiro de 1844 as Bulas foram expedidas pelo Papa Gregório XVI, confirmando o padre Viçoso como o novo bispo de Mariana. A partir daí se observará um salto no amparo aos menos favorecidos, que se encontravam esquecidos pela Província de Minas.

3.2. Dom Viçoso e a Reforma Ultramontana: Suas Bases Tridentinas

Conforme o que nos ficou legado a partir dos trabalhos de seus biógrafos – Pimenta (1920) e Carvalho (1997) –, será notória a presença de tendências tridentinas na postura de Dom Viçoso enquanto bispo. Aprofundar esses conceitos, bem como sua incidência, nos permitirá um melhor entendimento da postura de Dom Viçoso em relação à Igreja Católica no Brasil, uma vez que ele sempre remetia às idéias defendidas pelo Concílio de Trento.

Segundo Câmara Neto (s/d), Dom Viçoso, como bispo, foi um dos responsáveis pelo movimento denominado Reforma Ultramontana, que tinha suas bases enraizadas no Concílio de Trento. O Concílio de Trento não teve suas

normas impostas com eficácia nos primeiros séculos da colonização portuguesa em terras tupiniquins. Em virtude do processo de colonização e conseqüentemente dos maus costumes dos primeiros padres que se fixaram no Brasil, não foi possível para a Igreja fazer valer as normas tridentinas no Alé-Mar. Somente no século XIX, o Brasil pode passar por um

*Movimento Brasileiro de Reforma Católica, [...] uma resposta eficaz às tentativas da Igreja por parte de Feijó tendo Dom Romualdo Seixas, arcebispo da Bahia e Dom Antônio Ferreira Viçoso. Bispo de Mariana, como pioneiros na implantação do Ultramontanismo no Brasil, secundados por Dom Joaquim de Melo em São Paulo.*⁴

Desta maneira, conforme afirma Carvalho (1997) na sua biografia sobre Dom Viçoso, teria sido mesmo a intenção do Bispo reger sua Igreja sob a égide do Concílio de Trento, promovendo um caráter “*dinamizador do novo espírito que passa a caracterizar a Igreja no Brasil*”⁵.

Para Dom Viçoso, era de suma importância a hierarquia dentro da Igreja, que tinha no topo dessa pirâmide hierárquica a figura do Santo Padre. Nesse contexto, o Concílio de Trento, segundo Henri Daniel-Rops (1999), é bastante taxativo. Este autor nos mostra que os bispos deveriam ter um perfil admirável para que pudessem se impor como autoridade, a fim de contagiar seus fiéis:

*Essa tarefa e essa honra recaíam em primeiro lugar sobre os Bispos, cujo retrato o Concílio traçava em pinceladas tão vigorosas, ao mesmo tempo que lhes recordava com tanto detalhe os seus deveres.*⁶

No movimento Ultramontano algumas características devem ser apontadas, para que se possa entender o que nele torna evidente a herança das determinações do Concílio de Trento.

Em primeiro lugar, o caráter tridentino e a subordinação à Roma são primordiais para se entender o Ultramontanismo. Através das idéias difundidas pelo Concílio, o Ultramontanismo, neste caso na figura de Dom Viçoso, reconsiderou a posição da Igreja perante os costumes brasileiros. A subordinação à Roma firmou laços dentro da Igreja, que aproximou a Igreja do Brasil à de Roma, segundo Câmara Neto (s/d):

No Brasil as vinculações com Roma foram praticamente nulas no decorrer do período colonial. Já no período imperial por influência do novo espírito trazido pelos lazaristas, parte a Igreja do Brasil para uma real aproximação da Santa Sé, simultaneamente tentando afastar-se das malhas do Padroado Imperial.⁷

A partir dessas ações reformistas no Brasil, também encabeçadas por Dom Viçoso, pode-se observar nos anseios do dito bispo que, transformar a sociedade era tarefa essencial no seu período à frente da Igreja.

Sua luta incessante contra os maus costumes em que se encontravam os membros de sua Igreja foi viés primordial de seu governo episcopal.

A partir das idéias do Ultramontanismo pode-se observar a constante preocupação de Dom Viçoso também com a educação mineira. Para Dom Viçoso essa educação partiria do seu clero, e esse clero precisava se disciplinar. Tendo em mãos uma instituição com a força que poderia exercer um seminário na difusão de suas idéias, o Prelado dispensou grande tempo e atenção para tal instituição.

Não só empreendeu forças na educação dos jovens, como também instigou constantemente seus párocos a instruir os ignorantes na fé. Para ele os

padres deveriam seguir suas obrigações paroquiais à risca e nunca abrir mão de levar a seus fiéis à pregação da palavra de Deus.

Numa pastoral de 26 de maio de 1856, dirigida ao clero, Dom Viçoso fez a seguinte observação se amparando nos ideais do Concílio de Trento:

*Deve o Pároco corrigir os seus súditos que estão em pecado mortal, ou em próximo perigo de cair nele, e não só na necessidade extrema mas também na grave, quando há esperança de emenda: e também às vezes sem esta esperança, quando é necessário fazer correção, para que ao menos os outros não tomem exemplo para fazer o mesmo sem haver quem os repreenda.*⁸

Nessa passagem da pastoral de Dom Viçoso ao clero, fica bem clara a intenção da difusão da fé católica. Pode-se notar também que a constante vontade de educar se faz presente e muitas vezes, senão sempre, à idéia de amparo, uma vez que os preceitos cristãos e particularmente no caso do Bispo de Mariana, se apoiavam na idéia de auxílio aos pobres.

Esse auxílio aos pobres se fará presente em diversas obras de Dom Viçoso. Desde pastorais à simples cartas aos párocos (ou até mesmo à comunidade) os assuntos do Bispo estavam ligados direta ou indiretamente à questão do amparo, do auxílio, do socorro àqueles necessitados. Por vezes agradecendo; por outras pedindo. Assim Dom Viçoso estava sempre à incentivar seus fiéis e principalmente seu clero à fé cristã e por conseqüência na premissa cristã de auxílio aos necessitados. Em carta ao padre de Olhos d'Água, o reverendo Gonçalo Ferreira da Fonseca ficou bem clara a intenção de Dom Viçoso fazer com que seu clero investisse seus esforços em animar os paroquianos na ajuda aos necessitados. A carta de maio de 1849 trazia os seguintes dizeres:

*Reverendo Senhor Padre Gonçalo Ferreira da Fonseca
[...] Há de chegar-lhe à sua capela um pastoral e carta minha
cada mês, dando sempre algum prêmio a quem der algum
cobre. Isto que parece nada, torna-se utilíssimo para um
estabelecimento de pobres órfãos que tenho instituído em
Mariana. O dos órfãos já tem quinze meninos desamparados
antes e sujeitos às misérias da pobreza, o das meninas ainda
não entrou em exercício porque estou consertando e dispondo
o edificio ruinoso.⁹*

A constante vontade de educar seu clero e também seu povo foi marcante. O combate as idéias iluministas também. Prova desses anseios de educar seu povo é o jornal religioso *Selecta Catholica*. A proposta de formar um *corpo social cristão* é bastante presente na obra Assis (2006), quando a mesma afirma que:

A publicação desse jornal, bem como outros impressos divulgados e vendidos pela Tipografia, tinha o objetivo de educar e transformar os costumes d população local e do clero, levando à conservação e a promoção da fé católica, a fim de possibilitar o progresso de uma sociedade cuja base seria um ser humano renovado.¹⁰

Quanto as idéias que vinham de encontro à Igreja católica, Dom Viçoso foi muitas vezes incisivo. Combateu abertamente a maçonaria que tomava conta do Governo e da alta roda social brasileira assim como combateu o regime do padroado existente no país até então. Para ele a Igreja não deveria ser mais dominada pelo poder do Estado e para isso tentou diversos meios para separá-la da influência do governo. Também nesse contexto foi inimigo declarado dos maçons e partiu em defesa daqueles, que, como ele, combatiam a instituição maçônica. Em pastoral de 30 de abril de 1874 o Bispo afirmou que:

[...] desenvolvia o Maçonismo quantos forças lhe ministravão a hypocrisia, a astúcia, o dinheiro, e a escandalosa protecção do Governo mais immoral que jamais dirigio os negócios públicos do Brasil; campeava ufana, por ter condemnado, e encarcerado os dous egrégios Prelados de Olinda e do Pará, e cuidava haver acobardado os mais com medo de semelhante castigo para que não fugissem nem mugissem.¹¹

Em todos esses contextos nota-se a força empregada por Dom Antônio Ferreira Viçoso e seus asseclas no intuito de reger o seu povo sob os preceitos tridentinos. Com a reforma Ultramontana isso foi bastante claro ao deparamos com os ideais de Dom Viçoso de mudar o clero que se encontrava muitas vezes envolvidos com política, comércio e amancebamentos, para um clero totalmente disciplinado e voltado para conduzir o povo na busca de aperfeiçoamento espiritual e alheio às idéias do iluminismo. Nesse meio cresceriam os jovens e as crianças abrigadas pelo manto do episcopado de Dom Viçoso. Com a reativação do Seminário, Dom Viçoso também se mostrou tridentino, uma vez que o Concílio incentivara a criação de “viveiros” onde preparassem os futuros clérigos:

Nesses colégios especiais, em que se admitirão tanto ricos como pobres, os futuros sacerdotes receberão simultaneamente uma instrução intelectual sólida [...] assim como uma formação moral que os habilitará para sua grande missão.¹²

3.3. O Seminário e as Casas de Órfãos

Desde que saiu do Maranhão o primeiro bispo de Mariana, Dom Frei Manuel da Cruz, tinha por intenção dar à diocese um Seminário. Através de esmolas recolhidas pelos vigários junto à população mineira começou a colocar em prática o seu plano. Conseguiu para tal obra um patrocinador: José de Torres Quintanilha. Quintanilha vivia numa fazenda de sete moradas, fazenda esta que

doou para ser ali o Seminário. Além das casas dou ao Seminário a importância de 4 mil cruzeiros.

Segundo Trindade, o Seminário foi inaugurado em 1750, mas só teve suas obras concluídas em 1792, à custa de esmolas, donativos e multas pelas dispensas matrimoniais. A grande falha na educação que vivia a região das Minas e isso fazia com que a própria sociedade mineira já se via carente de uma instituição que educasse seus filhos.

Era também uma reivindicação antiga dos moradores da Capitania, em virtude das grandes despesas que faziam [...] em mandarem seus filhos aos estudos no Rio de Janeiro e Bahia. A orientação inicial coube aos jesuítas, que instalaram uma residência em Minas Gerais em 1756, sendo o primeiro reitor do seminário o inaciano José Nogueira.¹³

Segundo Botelho o seminário, em partes, era mantido à essa época pelo capital de alguns porcionistas, que pagavam anualmente 100\$000 (cem mil réis). “O número de porcionistas nunca é certo; os juros do dinheiro cobram-se com dificuldade e uma fazenda que possui no Rio do Peixe rende mais ou menos, conforme a abundância dos anos”¹⁴.

Muitos anos se passaram até que Dom Viçoso assumisse a diocese e por consequência o Seminário. A situação em que se encontrava o povo mineiro fez com que crescesse em Dom Viçoso a ânsia de educar tal população. Ainda no Rio de Janeiro, Dom Viçoso bateu à porta dos Redentoristas a fim de confiar o seu seminário a tal congregação. Para Dom Viçoso a educação advinda dos padres seculares seria deficitária. O Bispo acreditava que do clero deveriam partir os exemplos que alavancassem o bem viver da sociedade Mineira por isso idealizou a mão dos redentores para guiar seu seminário. Não obteve a graça de

levar tais religiosos para Mariana, mas não desistiu, tanto que mais tarde, o Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte foi dirigido pela Congregação da Missão.

Por ocasião da Revolução de 1842, haviam se dispersado os alunos do Seminário e o edifício, por sua vez, estava servindo de quartel à tropa militar. Quando Dom Viçoso chegou à diocese de Mariana em 1844 só havia no Seminário um aluno e as aulas haviam sido suspensas. Mas tomou-o então Dom Viçoso, como prioridade do seu governo episcopal e pôs mãos à obra a fim de começar sua reforma nos costumes através do Seminário. *“A casa de Deus devia começar pelos alicerces. E foi esta razão pela qual o Sr. Dom Antônio Ferreira Viçoso, logo de início, teve os olhos voltados para o Seminário Diocesano”*¹⁵.

Logo começou a empenhar-se nos assuntos do Seminário viu que o estabelecimento necessitava de reparos físicos. Tratou logo de reparti-los em grandes dormitórios, em lugar onde antes havia cubículos. Enquanto o edifício o Seminário começava a receber alunos. Segundo Trindade logo que assumira a administração episcopal, Dom Viçoso tratou de reativar o Seminário que não se encontrava em bom estado de conservação muito menos de funcionamento.

*A revolução, a má vontade manifesta do elemento oficial que dominou a Província, e sobretudo a péssima administração diocesana em sede vacante, haviam reduzido o Seminário à mais deplorável que dela se ocupava Dom Viçoso, ainda antes de sagrar-se, como problema mais sério e urgente de seu episcopado.*¹⁶

Com o retorno dos alunos a preocupação era, naquele momento, dotar o seminário de pessoal preparado e capaz de educar a mocidade.

Os anos, a experiência longa de educar mocidade, o uso da observância religiosa, e um engenho atinado egregiamente e

*talhado para o caso, derão-lhe o typo ideal d'um perfeito Seminário, em cuja reallização metteo todos os esforços, sem levantar mão, em quanto não vio seo plano em obra.*¹⁷

O primeiro reitor do Seminário foi o padre Francisco Soares de Faria até o princípio de 1845, quando o padre lazarista João Antônio dos Santos assumiu a direção do estabelecimento. Apesar de desde os primeiros anos do episcopado de Dom Viçoso, ser o seminário dirigido pelos lazaristas, tal direção só foi oficializada em 1859, quando Dom Viçoso entregou sob contrato o Seminário a seus coirmãos de Congregação da Missão.

Preocupado com o futuro da sociedade mineira, e pela grande falta de colégios na Província, tratou logo de incentivar o ensino a todos os alunos que quisessem estudar. *“Franqueou o Seminário ainda aos alumnos que não pretendiam o estado eclesiástico, senão preparar-se para as outras carreiras sociaes, uma vez que se sujeitassem à observância do regulamento”*.¹⁸

Assim, encontrando um amparo educacional todos aqueles aspirantes a outras carreiras além da eclesiástica tiveram para onde ir. Em pouco tempo o Seminário cento e trinta alunos matriculados. Com as obras já prontas Dom Viçoso teve que ampliar ainda mais o estabelecimento.

Em princípios de 1854, a varíola assolou a cidade de Mariana e o Seminário precisou fechar as suas portas. Assim, os alunos do curso teológico partiram para o Caraça, onde permaneceram até 1882. Os alunos do Seminário Menor – aqueles que não cursavam as disciplinas teológicas – foram para a fazenda do Seminário. Essa fazenda que se localizava na freguesia de Paulo Moreira (hoje Alvinópolis) fora mais tarde vendida e os rendimentos da venda empregados na manutenção do próprio Seminário.

Para que no Seminário se instruissem os moços virtuosos, logo Dom Viçoso deu-lhe regras. Tais regras baseiam-se nas regras lazaristas, congregações de que eram provenientes Dom Viçoso bem como o reitor João Antonio dos Santos.

Todos deveriam respeitar algumas regras, mas o que se referem às idéias lazaristas, as regras na totalidade eram empregadas aos seminaristas. Esses seminaristas tinham que fazer todos os anos Exercícios Espirituais pela extensão de cinco dias. Deveriam guardar silêncio, asseio, respeito. Ouviriam missa todos os dias e tratariam com extremo respeito seus superiores. Evitariam amizades particulares e quase tudo deveria ser analisado e permitido pelo superior.

Sobre a questão de ofensa a castidade, mesmo que fosse com palavras além da posse de armas ou bebidas, a aqueles que cometessem tais delitos seriam severamente caluniados e só não seriam expulsos se *“houver esperança de remédio”*¹⁹.

Os seminaristas tinham uma rotina bastante disciplinada. Levantavam-se às cinco e meia, faziam suas orações rotineiras e às sete e meia da manhã, almoçavam. Estudavam por duas horas e por volta do meio dia tinham um jantar. Faziam atividades de recreação, aulas e lições espirituais pela tarde. Ceavam às dezenove horas e às vinte e trinta se recolham aos aposentos, onde normalmente estudavam até às vinte e duas horas. Questão interessante está nas regras do Seminário de Mariana, muito parecidas com as de Jacuecanga, Seminário onde Dom Viçoso viveu quinze anos como reitor.

Nota-se uma disciplina muito firme na formação desses seminaristas. E é aí que devemos retomar a frase escrita por Silva Neto, supramencionada “a casa de Deus devia começar pelos alicerces”. Ali se formaria um novo clero. O clero da Reforma Ultramontana encabeçada por Dom Antônio Ferreira Viçoso. A partir do momento em que o clero retomasse as virtudes evangélicas de pobreza, castidade e obediência, defendidos pelos preceitos lazaristas de Dom Viçoso, estaria apto a amparar e a conduzir uma sociedade a buscar a santificação do homem, baseada nessa premissa lazarista de santificação do homem.

Momento importantíssimo na formação desses seminaristas eram os dias de Exercícios Espirituais. As regras empregadas para os tempos de exercícios espirituais eram mais rígidas ainda. Nos cinco dias durante o ano em que os futuros clérigos faziam seus exercícios deveriam guardar um sem número de penitências. Levantavam-se às quatro horas da manhã e só faziam uma refeição às sete e trinta, jejuando pelo resto do dia. Visitavam o Santíssimo quatro vezes ao dia e faziam orações mentais três vezes ao dia. Rezavam em particular por horas além de fazerem exames particular e geral. Tudo isso se tornava essencial para a formação de um clero longe das mazelas e pronto para encaminhar a família cristã numa sociedade temente a Deus.

Sobre o Colégio, apesar de estar no mesmo edifício do Seminário, seria separado. Ao franquear o seminário para que todos pudessem estudar, Dom Viçoso tratou logo de separar aqueles que não se destinavam ao sacerdócio.

Estava tão empenhado nas obras do Seminário que por pouco não deixou realizar uma de suas principais tarefas. *E tão desvelado andou com essa pensão,*

*que esteve quasi a omittir a visita pastoral neste anno de 1845, por não deixar o Seminário mal provido no particular de que tratamos.*²⁰

Como foi mencionado anteriormente, através do Seminário também observar-se-à uma grande preocupação de Dom Viçoso: reforma dos costumes do clero e da população mineira. Atrelada a essa reforma será notória as amarras de tudo aquilo que representava a educação para o Bispo. Para isso Dom Viçoso não empreendeu somente esforços para manter o Seminário, mas investiu muitos recursos bem como buscou formas de manter os estabelecimentos que amparavam crianças, jovens e moças desamparadas.

*Tornando-se bispo, veio para Mariana onde esteve à frente de reformas no Seminário da mesma cidade da abertura do Colégio da Providência para educação feminina e da construção de orfanatos e de instituições de educação de moças pobres e órfãs. Além disso, um dos maiores projetos educacionais do religioso foi sua luta pela reforma dos costumes do clero da população mineira.*²¹

Sobre as casas de órfãos será mencionado à frente, por ora nos manteremos na questão do Seminário.

Alguns documentos escritos por Dom Viçoso denotarão a constar de preocupação de Dom Antônio Ferreira Viçoso com o amparo que deveria empregar aos menos favorecidos. Assim como o Seminário possuía alunos abastados e que pagavam anuidade, o estabelecimento também abrigava alguns alunos que não podiam pagar pela sua vaga. Esses alunos eram denominados gratuitos e numa carta o seu mencionado compadre Rabello e Campos onde se pode observar claramente a presença de vagas para s ditos gratuitos, quando fala a seu compadre num trecho de uma correspondência de 3 de março de 1858:

*“Vamos ao negocio do menino Francisco [...] O Reitor não o poderá receber como gratuito, por estar recheado o número destes, farei o que puder”.*²²

Em seu relatório decenal de apresentado ao sumo Pontífice Pio IX, datado do dia 6 de maio de 1853, Dom Viçoso apresentou a questão da educação descrevendo os estabelecimentos voltados para a juventude. Nesse relatório, assim descreve o Bispo as condições em que se encontravam tais instituições.

...Existem também duas casas dos padres da Congregação da Missão que se dedicam a pregar Missões e à direção de um colégio e de um seminário episcopal. Recentemente, foi inaugurada nessa cidade uma casa das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo que se ocupam no socorro aos pobres e no colégio das adolescentes.

*Há um seminário eclesiástico episcopal (de que falei acima) confiado aos meus coirmãos da Congregação da Missão: estão matriculados nele trinta escolásticos dedicados aos estudos superiores e setenta aos inferiores. [...] Oito ou dez escolásticos pobres foram ali recebidos. Não tem assegurado nenhuma subvenção mas todos os professores são remunerados pelos cofres públicos.*²³

Nessa passagem do primeiro relatório decenal de Dom Viçoso algumas coisas podem ser observadas.

Uma é que é notório o crescimento no número de alunos, tanto no que diz respeito aos escolásticos como os que cursavam humanidades. Partindo da idéia que no momento em que Dom Viçoso chegou a Mariana e assumiu o episcopado o Seminário possuía apenas um aluno – como também afirma Dom Silvério Pimenta – e dez anos depois possuía um total de cem alunos, o contingente aumentara bastante. Convém afirmar que até esse momento os lazaristas haviam realizado uma obra muito importante atraindo vários jovens, não somente para o ensino escolástico, mas também para o aprendizado laico.

Outra questão de grande importância para a nossa pesquisa é o momento que Dom Viçoso fala sobre os alunos pobres e sua presença no Seminário. O que para um desavisado pode parecer algo normal, para a presente pesquisa é um viés que expõe toda busca pela idéia central do tema. Aqui se vê não somente “oito ou dez escolásticos pobres”, mas têm-se alguns daqueles jovens que se enquadram na questão do amparo proposto em nosso tema. Aqui estão os jovens amparados por Dom Antônio Ferreira Viçoso. Nesse contexto pode-se observar não somente o amparo proposto por Dom Viçoso, mas também a preocupação que Dom Viçoso tem com a manutenção do Seminário e de seus professores uma vez que citou a proveniência dos recursos financeiros que mantinham tal seminário.

Pouco tempo depois de iniciar as obras do Seminário e de reabrir as portas do estabelecimento para receber seus jovens, Dom Antônio inquietou-se a buscar novas obras que atenderiam suas crianças e jovens necessitados. Seus desejos e esforços começaram a buscar novos planos e suas premissas lazaristas começaram a falar mais auto no que diz respeito ao auxílio aos pobres. Assim que assumiu a diocese se empenhou em criar asilos, como conta Dom Silvério Pimenta:

Logo no começo do seu Episcopado assentou em levantar asylos para todos quantos soffressem: um para meninos orphãos, outro para as meninas e o terceiro para doentes, ou velhos decreptos; porque as falatas de outros pobres elle a socorria com largueza.²⁴

Num primeiro momento, Dom Viçoso se acertou em erigir primeiro a casa dos meninos. Reuniu dez meninos – que logo seriam doze – em uma casa que comprou para esse fim dando a esses órfãos não somente casa, comida e

vestuário, mas também, e o que seria talvez o mais importante, preocupou-se em dar-lhes educação. Assim deu-lhes mestres para ensinar leitura, escrita e algum ofício, além de doutriná-los nos preceitos cristãos.

Não demorou muito para que os recursos se tornassem escassos e Dom Viçoso precisou buscar recursos em todo território da Província Mineira. Uma tentativa de levantar recursos foi a criação de um periódico de nome *Romano*. Esse jornal serviria para duas importantes empresas do Bispo. A primeira seria a educação do povo mineiro através de um jornal que transmitisse os caminhos do catolicismo e todo o seu ideário baseado no Concílio de Trento, colocando em contato população e idéias cristãs. A segunda, e mais importante para a presente pesquisa, seria a angariação de recursos financeiros para o emprego nas casas dos órfãos. Em carta à seu compadre, residente em Ouro Preto, Antônio José Rabello e Campos, Dom Antônio lhe envia em anexo seis volumes do periódico. Também nessa carta, que data de 19 de abril de 1851, Dom Viçoso pede a seu compadre que lhe consiga mais pessoas que pudessem assinar o dito jornal:

*Meu compadre há de gostar de ver isto e o Romano é tudo a favor dos órfãos. Procure quantos subscritores puder para vencer a despesa da imprensa e ficar algum cousa para os órfãos. Basta de Seca!*²⁵

Pode-se observar nesse fragmento da carta a importância que o Bispo despence ao amparo a seus órfãos uma vez que pede a seu compadre que dissemine a idéia do *Romano* a sua malha de influência de sua sociedade. Vê-se a importância da distribuição do jornal não somente para a difusão das idéias cristãs, mas também para o levantamento de capital para a manutenção da casa dos órfãos.

Grande preocupação com os órfãos, já havia Dom Viçoso demonstrado dois anos antes de escrever tal carta a seu amigo e compadre. Na pastoral de 21 de abril de 1849, Dom Viçoso já havia demonstrado grande preocupação com a questão do amparo aos órfãos. Nesta pastoral Dom Viçoso tenta mostrar à população mineira que eles estavam empreendendo poucos recursos às obras de caridade de sua Província, e toma como exemplo a Casa Pia de Salvador.

Pode a Bahia montar um optimo estabelecimento de cento e tantos meninos pobres, que alli vimos, educar, ensinar-lhes a ler e contar, mandal-os aprender officios mecânicos e fazel-os homens, e Minas não poderá fazer o mesmo nem a 12 creanças? Não sejam assim, filhos meos; animemo-nos!²⁶

Pode-se observar nesse instante uma grande influência na formação de Dom Viçoso enquanto educador: o Irmão Joaquim Francisco do Livramento. O estabelecimento citado por Dom Viçoso e que o mesmo parece ter tido a ânsia de seguir os passos seria nada menos a Casa Pia da Bahia fundada por seu velho conhecido Irmão Joaquim em uma de suas andanças. Nessas andanças, onde o Irmão Joaquim empregava seu tempo esmolando para os pobres, ele chegou à Bahia e viu um sem número de crianças abandonadas pelas ruas foi quando teve a idéia de fundar ali uma casa para o recolhimento e amparo desses desabrigados.

Aprovado oficialmente pela Coroa em outubro de 1803 Seminário e Casa dos Órfãos da Bahia já estava em atividade desde 1798, por recursos e doações de terceiros. Com subsídios advindos da Coroa, o Irmão Joaquim pode ampliar seu sonho de resgatar as crianças abandonadas da Bahia.

Esta solene atestação é sumamente precioso, por consignar a orientação dada ao educandário: nele havia a educação religiosa e moral; havia o subsequente ensino profissional, não

*uniforme e imposto, mas ajustado ao talento e inclinação que nos meninos se descobrissem.*²⁷

A total preocupação do Irmão Joaquim do Livramento que fez com que ele insistisse na ereção da Casa para os órfãos foi fator determinante não somente para o amparo aos pobres da Bahia, mas também para essa questão em Minas Gerais. Ao que parece o contato com o Irmão Joaquim fez com que Dom Viçoso aumentasse ainda mais a sua característica lazarista de ajuda aos pobres. Acredita-se que o total desprendimento material de um leigo, como o Irmão Joaquim, pode ter inspirado ainda mais o Bispo Dom Viçoso, não somente no momento em que esteve em contato com o Irmão em Jacuecanga, mas em todo o momento em que pensou em educar e amparar seus jovens pode-se imaginar que o Bispo remetia aos ideais do Irmão Joaquim.

Os esforços do Prelado não foram em vão. Mas tendo em vista que as ofertas eram provenientes de uma população financeiramente carente, mesmo que fosse de bom grado não eram ainda suficientes para manter por muito tempo o estabelecimento de portas abertas. Mesmo com toda dificuldade Dom Viçoso estendeu o número de meninos. Paralelamente a isso, Dom Viçoso ajudava também os pobres, além de empreender esforços para realizar as duas vontades que ainda lhe tirava o sono: o recolhimento pra as meninas e o hospital.

Com o passar de cinco nos da posse do seu Episcopado e reunindo os donativos dos fiéis de toda diocese, Dom Viçoso conseguiu juntar um montante capital que lhe permitiu comprar duas casas. Essas casas eram empregadas como asilos, um deles a já mencionada casa dos meninos que guardava os doze órfãos. A outra para as meninas.

Junto ao asilo par as crianças desamparadas, Dom Viçoso erigiu um hospital para atender os inválidos e doentes. Esses doentes vinham de todos os cantos da Província para serem tratados pelas mãos das freiras, que também cuidavam dos órfãos.

Com o asilo dos meninos e o hospital encaminhados, faltava somente uma casa para as meninas. Tão logo idealizou o asilo para as meninas desamparadas surgiu-lhe a idéia de colocar na mesma casa o colégio das meninas. Assim, as meninas de família abastadas poderiam cursar a escola pagando uma espécie de pensão. Com a arrecadação proveniente das filhas provenientes das famílias abastadas da Província poder-se-ia manter as meninas e moças desamparadas.

Segundo Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues:

Coube ainda o Santo Bispo o mérito de inaugurar, em terras brasileiras, os serviços das Irmãs de Caridade que, a seu pedido e instâncias, chegaram em Mariana (1849) em número de doze e se ocuparam com o socorro aos pobres e com a instituição das jovens.²⁸

Assim ao fundar o colégio das moças, Dom Viçoso logo começou a circular pela Província no intuito de atrair as moças para o dito colégio. Mas segundo Dom Silvério Pimenta, a sorte não fez crescer imediatamente tanto o colégio das moças, como aconteceu no Seminário. Apesar de contar com aproximadamente cinquenta educandas, muitos pais ainda preferiam não educar as moças o que era totalmente diferente do caso dos seus rebentos.

Não sei que desconfiança atalhava os paes, para não confiarem suas filhas; e sobre a desconfiança, não era a pequena parte para a diminuta concorrência o pouco ou nenhum interesse que tinham entre nós os paes de família pela educação das meninas, que reputavam cousa de mui pequeno tomo; ao passo que erão mui cuidadosos da instrução dos homens.²⁹

Mas tantos foram os esforços do Prelado que com o passar dos anos, o colégio se encheu de alunas. Na ocasião de seu falecimento o colégio contava com cento e trinta alunas que eram instruídas pelas Irmãs de São Vicente de Paulo. Aqui também cabe afirmar que esse internato teve a mesma finalidade de amparo. Cabe afirmar que o colégio acolheu entre suas alunas algumas órfãs. Algumas dessas moças eram mantidas com recursos provenientes das moças abastadas que por sua vez pagavam uma pensão para estudar no colégio. Enquanto pagavam uma pensão módica ajudariam a casa.

Outro recurso utilizado por Dom Viçoso foram os apelos ao governo da Província bem como ao Imperador. Em cartas aos dois governos Dom Viçoso pede recursos para a manutenção dos estabelecimentos. Em carta ao Imperador, O Prelado afirma que já havia pedido subsídios ao governo da Província para suas casas:

Pedi sim, há quatro ou cinco anos, à Câmara temporária uma loteria a favor destes estabelecimentos e a súplica teve a seu favor trinta ou quarenta assinaturas de deputados.[...] Peço duas loterias anuais, por cinco anos para me ajudar acabar o edificio dos inválidos [...] para manter estes estabelecimentos, pois nem se vê que o trabalho de crianças e velhos não pode chegar para manter oitenta pessoas e muito menos para formar um dote para tomarem estado as moças que quiserem casar.³⁰

Mais uma vez pode-se notar a questão do amparo e a preocupação de Dom Viçoso com a segurança dos seus amparados. Vê-se não só a preocupação instantânea mas a grande preocupação que tem o Bispo em fazer com que seus protegidos dêem continuidade no processo de educação e bons costumes. A questão da preocupação com o dote pra as moças casadoiras é exemplo clássico do amparo aos jovens, uma vez que uma moça bem casada poderia cuidar bem

de uma família e educar seus filhos sob a égide cristã em que vivera quando amparada por Dom Viçoso.

Quando da morte de Dom Viçoso, o Colégio Providência assim como o Seminário havia prosperado bastante e os anseios do Bispo haviam sido, em partes, atingidos. Quanto ao asilo dos meninos não perdurou por muito tempo.

Veremos depois como poudes sustental-os, afora a comunidade dos orphãos, a qual se vio na necessidade de fechar, não tanto pela escassez das rendas, porque a essa se daria remédio o animo e actividade do Prelado, mais mui principalmente não encontrar que desempenhasse com aquelles desvalidos os officios de mestre e de regente.³¹

Aqui nota-se a real situação em que Dom Viçoso se apegava: o amparo agregado á educação dos órfãos. Para o Bispo a importância da educação era primordial e ia além de um teto para os órfãos. Para Dom Viçoso, como se pode ver aqui, o fator primordial para a mudança dos costumes daquela sociedade em que viviam tais crianças, só seriam feitas através de um processo de disciplinarização que começaria a partir da educação.

Notas

1. CALADO, M. D. **Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana**. Portugal: Ideal de Cacilhas, 1987, p. 40.
2. PIMENTA, S.G. **Vida de Dom Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana, Conde da Conceição**. 2ed. Mariana: Typografia Arquiepiscopal, 1920, p. 91.
3. SILVA NETO, B.J. **Dom Viçoso: Apóstolo de Minas**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1965, p. 69.
4. CÂMARA NETO, I.A. **Roma Locuta, Causa Finita: A Reforma Ultramontana no Brasil**, 2007. Disponível em <[http:// pt.wikipedia.org/wiki/Ultramontanismo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ultramontanismo)>. Acesso em 02/03/2007.
5. CARVALHO, J.G.V. **Viçosa Honra Dom Viçoso**. Viçosa: Jard, 1997, p. 7
6. DANIEL-ROPS, H. **História da Igreja de Cristo**, Vol. V – A Igreja da Renascença e da Reforma (II). São Paulo: Ed. Quadrante, 1999, p. 122.
7. CÂMARA NETO. Op. Cit., s/p.
8. AEAM – Pastoris Escritas por Dom Antônio Ferreira Viçoso.
9. AEAM – Cartas Escritas por Dom Antônio Ferreira Viçoso. 1 volume.
10. ASSIS, R.M. A inteligência à deriva e a enfermidade social: idéias sobre ser humano e sociedade difundidas em Minas Gerais pelo jornal religioso *Selecta Catholica* (1846-1847). **Memorandum**, Belo Horizonte/Ribeirão Preto, n. 11, pp. 59-70, 2006. Disponível em <[http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/ a11/ assis02.htm](http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/assis02.htm)>. Acesso em 03/07/2006.
11. AEAM –Pastoris Escritas por Dom Antônio Ferreira Viçoso.
12. DANIEL-ROPS, Op. Cit., p. 113
13. ROMEIRO, A.; BOTELHO, A.V. **Dicionário Histórico de Minas Gerais, Período Colonial**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 270.
14. Idem, *Ibidem*.
15. SILVA NETO. Op. Cit., p. 77.
16. TRINDADE, R. **Breve Notícia dos Seminários de Mariana. Publicação comemorativa do bicentenário do Seminário e cinquentenário sacerdotal de Dom Helvécio Gomes de Oliveira, Arcebispo Metropolitano de Mariana**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1951, p. 48.
17. PIMENTA. Op. Cit., p. 105.
18. Idem, p. 107.
19. Idem, p. 109.
20. Idem, *Ibidem*.
21. RODRIGUES, F.C. **Cadernos Históricos do Arquivo Eclesiástico de Mariana. Os dois relatórios decenais de Dom Antônio Ferreira Viçoso**. V. 4. Mariana: Ed. Dom Viçoso, s/d, p. 75.
22. AEAM – Cartas Escritas por Dom Antônio Ferreira Viçoso. 1 volume.
23. RODRIGUES. Op. Cit., p. 28-9.
24. PIMENTA. Op. Cit., p. 113.
25. AEAM – Cartas Escritas por Dom Antônio Ferreira Viçoso. 1 volume.
26. PIMENTA. Op. Cit., p. 136.
27. FONTES, H. **O Irmão Joaquim, Vicente de Paulo Brasileiro**. Florianópolis: Ed. Fac-similar – IOESC, 2002, p. 70.
28. RODRIGUES, Op. Cit., p. 77
29. PIMENTA, Op. Cit., p. 159.
30. AEAM – Cartas Escritas por Dom Antônio Ferreira Viçoso. 1 volume.
31. PIMENTA, Op. Cit., p. 143

IV. Considerações Finais

Através do estudo elaborado nesta pesquisa pode-se dizer que Dom Viçoso realizou uma incomparável obra, sempre primando pelo auxílio aos menos favorecidos. A partir da visão de pobreza e da busca pelo auxílio aos pobres, Dom Viçoso empreendeu grandes esforços na busca por recursos para a melhoria da sociedade mineira através da Educação.

Esse português de coração brasileiro talvez não pudesse imaginar, mas se tornaria uma das mais importantes figuras da História de Minas Gerais, chegando até a ter seu nome indicado para beatificação. Com sua chegada à velha cidade de Mariana, a população mineira talvez não imaginaria estar prestes a presenciar uma grande reforma, que já era urgente e de suma importância para evangelização do povo de Minas Gerais. Todo esse trabalho que Dom Viçoso realizou enquanto bispo é incondicionalmente grandioso e digno de ser muitas vezes estudado e não será facilmente esgotado, tamanha foi a obra e todo o resultado que essa obra causou. Mas antes voltaremos um pouco no tempo, uma vez que é necessário falar da obra de Dom Viçoso no momento em que ele chega no Brasil. Nesse momento sim, porque, desde que chegou ao Brasil, Dom Viçoso logo começou sua obra de ajuda aos pobres.

Num primeiro momento, e ressaltando a questão do *emparo*, tem-se a figura de Dom Viçoso quando chegou ao Brasil. Após uma breve estadia no Rio de Janeiro, o ainda padre Viçoso foi para o Colégio do Caraça, onde permaneceu pouco tempo. Lá, fora pretendido em Jacuecanga pelo incansável missionário

Irmão Joaquim do Livramento. Foi nesse Seminário que Viçoso começou realmente a sua obra de atenção aos pobres. Foi em Jacuecanga que Dom Viçoso começou a difusão de suas idéias através de uma evangelização que não se prendia aos muros do Seminário, mas que se fazia multiplicar por toda região. Além de atuar como reitor, professor e instrutor, o padre Viçoso fez também as honras como pároco, além de muitas vezes, servir como enfermeiro para seus alunos:

*Voltando o padre Antônio de uma confissão, vai logo saber como ia passando um enfermo, e ouvindo d'elle que em sua ausência o mal se lhe tinha aggravado, leva-o para o seu proprio quarto, deita-o em seo leito, passando dias assiste-lhe com remédios, com os caldos, com a dieta, tudo applicado por suas mãos [...]*¹.

Aqui podemos observar uma das virtudes que englobam os significados do termo *emparar*. Nesse momento, podemos observar um Dom Viçoso totalmente voltado para os cuidados de pároco que buscava a santificação de seus paroquianos, bem como quando assume o papel de um verdadeiro pai que cuida do seu filho enfermo.

Mas as circunstâncias e o tempo fizeram o padre Viçoso voltar ao Caraça. De volta ao Santuário de Nossa Senhora Mãe dos Homens, padre Viçoso travou uma batalha ideológica que lhe renderia grande período escrevendo em favor da abolição da escravidão. Aqui também entenderemos o texto escrito por Dom Viçoso, *A Escravatura Deffendida e Offendida*, como fator primordial para o entendimento do conceito *emparo*. Nesse texto pode-se observar a constante preocupação de Dom Viçoso com os menos favorecidos. Assim como afirma Carvalho (1997), com os escravos não poderia ser diferente:

A Igreja Mineira da segunda metade do século XIX estava comprometida com os pobres e lutou também contra as formas de opressão presentes no sistema escravocrata. D. Viçoso esteve sempre do lado dos excluídos.²

Nesse texto nota-se a presença de um diálogo entre dois amigos, Luiz e Theodoro. Interessante observar que Theodoro é um assíduo defensor do sistema escravocrata, enquanto que Luiz parte em defesa do negro. Nesse contexto, observa-se claramente que Dom Viçoso fala através da personagem Luiz, defendendo assim a figura do escravo e o fim da escravidão.

Aqui também podemos observar a questão do *emparo*. No texto em questão, Dom Viçoso buscou mostrar que os países europeus que já haviam, à época, aderido ao trabalho assalariado, proporcionavam uma vida digna a seus trabalhadores e conseqüentemente haviam aumentado a sua produção. Para fazer valer as suas idéias, Dom Viçoso cita o Código Canônico, além de citar os homens letrados que também defendiam o fim da escravidão, tentando se utilizar das leis canônicas e da influência de alguns homens da sociedade para partir em defesa do escravo. Sobre o *emparo* podemos afirmar que Dom Viçoso defendia a dignidade de pessoa do escravo. Sugeria o direito à educação e chances de uma vida adequada aos moldes da sociedade em questão; indo além da simples defesa da dignidade, para exaltar o ideal de igualdade entre os homens. Nessa defesa dos menos favorecidos, nesse caso, o escravo, nota-se claramente a questão do *emparo* de Dom Viçoso já no período em que ele se encontrava no Colégio do Caraça.

A partir daí, se observa uma mudança na trajetória da vida de Dom Viçoso. No ano de 1844, o Papa Gregório XVI confirma o então padre Viçoso

como o Bispo de Mariana. Essa mudança apontará para dois rumos: um que adotaremos como entendido no âmbito das questões concretas, uma vez que Dom Viçoso trabalhou diretamente na inauguração de casas de órfãos bem como a reabertura do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte. Outro pode ser entendido como uma mudança no campo das mentalidades, dado que se refletiu na reforma nos costumes do clero que a História convencionou denominar Reforma Ultramontana. Essa reforma nos costumes do clero se fez também dentro do Seminário, uma vez que os seminaristas formariam a base do novo clero.

Ao chegar a Mariana, Dom Antônio Ferreira Viçoso se deparou com um seminário praticamente fechado, contabilizando apenas um aluno. Colocando mãos à obra e com o intuito de difundir o ideal cristão, em pouco tempo o Seminário já contabilizava várias dezenas de alunos. Assim, uma vez que o Brasil não haviam conhecido as reformas do Concílio de Trento, Dom Viçoso tratou logo de disciplinar seus padres bem como seus seminaristas, empregando as idéias tridentinas no Seminário.

O que é um fantasma para muitos resultou numa ótima formação de pregoeiros do Evangelho: oração da manhã e da noite, terço, participação na Santa Missa diária, Confissão, Comunhão frequente, períodos de estudos regulares, durante os três meses de férias os seminaristas entravam em contato com o povo.³

O resultado não poderia ser outro. Com um clero instruído e bem disciplinado, ficaria mais fácil edificar uma sociedade sólida nos propósitos cristãos. Tornar-se-ia mais prático difundir os preceitos cristãos. Com um clero bem formado no Seminário – que estava sob a mão dos lazaristas –, seria mais

viável o processo de difusão das premissas de auxílio aos pobres e, por conseqüência, preparar uma sociedade voltada ao *emparo* aos mais necessitados. Assim, pode-se dizer que o diálogo entre clero e povo teria sido muito saudável para a difusão das idéias que reformariam não somente os costumes do clero, mas também de toda sociedade mineira.

Dom Viçoso acompanhou sempre de perto a preparação de seus padres e seminaristas e prova disso foram as pastorais dirigidas ao clero e à população. Nas pastorais dirigidas ao clero ele ressalta as qualidades que deveriam ter os párocos. Numa delas, a Pastoral ao Clero de 26 de maio de 1856, Dom Viçoso assim falou a seus párocos, descrevendo como deveriam se portar:

[o padre é] o sujeito mais interessante daquela porção de fiéis de Cristo [...]. É portanto dever nosso instar vigorosa e eficazmente pelo cumprimento dos deveres paroquiais, como cousa de que depende não só o bem e a felicidade eterna das ovelhas de Jesus Cristo, mas ainda o sossego e felicidade dessa vida temporal.⁴

Com um clero disciplinado a diocese poderia trabalhar em prol da sociedade, dando a ela um teor igualitário entre os homens. A partir do momento em que o clero retomasse seu poder espiritual e as virtudes da pobreza, caridade e obediência, estaria pronto para *emparar*.

Outra questão muito importante foi a idéia de *emparo* aos jovens e crianças de uma forma direta. Assim que reabriu o Seminário e construiu as casas de órfãos, Dom Viçoso esteve inteiramente voltado para o intuito de agraciar o máximo de jovens e crianças que quisessem estudar ou ainda aqueles que não tinham abrigo:

Desde que tomamos sobre os nossos ombros o peso do Episcopado, tem sido o nosso assíduo cuidado a educação da mocidade não só a que se destina ao estado eclesiástico, mas

*também da mocidade desvalida que mendiga pelas ruas sem pais conhecidos e que cedo contraem os mesmos vícios de quem lhes deu o ser.*⁵

Ao chegar em Mariana, Dom Viçoso se deparou com o Seminário bastante depredado pelo exército que ali se alojara pela passagem da Revolução Mineira de 1842. Com todo descaso militar, Dom Viçoso teve logo que realizar reformas no Seminário para abrigar novos alunos. Em pouco tempo já havia tratado das questões físicas do Seminário e colocado seu plano de dar sua direção aos lazaristas. Com os lazaristas na direção do Seminário, Dom Viçoso deu-lhe logo novas regras. A partir dessas regras podemos observar que estão ligadas diretamente à questão do *emparo*. Num fragmento de uma carta a seu compadre Rabello e Campos, citado anteriormente, tem-se claramente a noção de que existia uma espécie de cotas para os alunos pobres. Também numa carta ao governador da Província, Dom Viçoso critica veementemente o governo que parece querer cortar os subsídios para a manutenção dos alunos pobres no Seminário:

Ao que tenho a honra de responder a lei Mineira n. 1875, de 19 de junho de 1872, diz : Auxílio ao Seminário de Mariana, sete contos de réis recebendo vinte e quatro alunos pobres. O mesmo dizia a lei de 10 de outubro de 1871.

*Alguns senhores querem entender que estes vinte e quatro alunos muito pobres se recebam de novo e que sejam os do ano antecedente. Mas eu não posso assim entender. Por ventura, há o senhor de expelir os vinte e quatro do ano antecedente? Quererão estes senhores que um moço estude os preparativos de línguas, contas e ciências em ano, passado qual, sejam expulsos, para receber os vinte e quatro do seguinte ano? [...]*⁶

Nota-se acima a grande preocupação de Dom Viçoso, e de certo modo, uma determinada pressão por parte do Bispo, para fazer com que o Governo da Província aumentasse os subsídios para *emparar* mais alunos no Seminário. Observa-se o quanto é importante a questão do amparo no momento em que o

Prelado bate de frente com o governo, partindo em defesa dos seus desamparados.

Também esses grandes esforços foram bastante empregados na busca de patrocínios para o Colégio da Providência, onde se abrigavam as moças. Mesmo com a grande resistência encontrada no momento da fundação do colégio das moças, por parte dos familiares dessas meninas e moças, foi incansável a luta do Prelado.

Retomando uma passagem do final do segundo capítulo, é gritante a preocupação do Dom Viçoso com os órfãos no fragmento retirado de uma pastoral sua, dirigida à população mineira quando chamou sua população para *emparar* seus órfãos: “*Não sejam assim filhos meus; animemo-nos*” (Pimenta, 1920:136).

A partir desse quadro pode-se afirmar que Dom Viçoso sempre primou pelo *emparo* em seu governo episcopal. Não somente no que diz respeito ao *corpus* do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, como pressupúnhamos antes mesmo de iniciarmos a pesquisa, mas em toda malha que englobava seu episcopado. A casa pia dos órfãos – apesar de não ter atingido a longevidade desejada – bem como o Colégio Providência, foram exemplos claros da preocupação do Bispo para com a questão do que convencionamos, a partir de um termo comum naquela época, chamar de *emparo*. Convencionamos sim, chamar *emparo*, uma vez que nos deparamos com um homem preocupado não somente em formar uma população católica, mas difundir as suas idéias a partir

do amparo aos necessitados, da educação aos interessados em aprender, da educação na fé dos desmotivados. A esse conjunto de ações chamamos *emparo*.

Vendo diante de si a perspectiva de uma sociedade desordenada, o bispo lazarista acreditava na urgência de promover a fé de modo que a sociedade se tornasse verdadeiramente cristã. Portanto era imperioso que as idéias católicas começassem a se espalhar.⁷

Como afirmou Assis (2006) acima, Dom Viçoso se preocupou em difundir as idéias cristãs. E foi além. Empreendeu seus esforços para difundir suas idéias de maneira eficaz e sólida, levando seus ideais a todos os cantos de sua diocese, bem como a todas as pessoas, sem distinção de classe social. Prova disso foi seu constante esforço de agregar os menos favorecidos no Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, como fez com os órfãos e órfãs. No fragmento abaixo, Assis (2005) descreve perfeitamente nossa idéia de *emparo*:

Dom Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana de 1844 a 1875, foi particularmente preocupado com a educação em Minas Gerais, sendo um dos responsáveis pela fundação do Colégio do Caraça em 1821. Tornando-se bispo, veio para Mariana, onde esteve à frente de reformas do Seminário da mesma cidade, da abertura do Colégio da Providência para educação feminina e da construção de orfanatos e de instituições de educação para moças pobres e órfãos. Além disso, um dos maiores projetos educacionais do religioso foi sua luta pela reforma dos costumes do clero e da população mineira.⁸

Assim, queremos dizer que *emparar* quer dizer tudo isso. Dar “ser” a quem não se realizou enquanto pessoa, educar, proteger, amparar, agasalhar. *Emparar*, para a presente pesquisa, também foi a tarefa de Dom Viçoso de dar consistência a uma população dispersa da fé. E isso ele fez muito bem, principalmente através do Seminário. Quando começamos nossa pesquisa, queríamos analisar aqueles que foram acolhidos no Seminário. Vimos que, através da documentação, realmente haviam esses jovens que foram amparados

na instituição. Mas descobrimos uma questão muito relevante: a população mineira teve seu *emparo* proveniente do Seminário que, por sua vez, se apoiou nas idéias católicas e principalmente a idéia lazarista de auxílio aos pobres. Não queremos aqui afirmar que esse ideário alicerçou a mentalidade do povo mineiro. Mas é de grande relevância nesse aspecto, lembrar que Dom Viçoso encontrou um Seminário jogado às traças, com apenas um aluno e quando deixou o mundo, vindo a falecer, havia formado centenas de padres. Quando da sua morte, o Colégio da Providência, que era anteriormente ignorado pelos principais moradores da Província e não atingia mais que poucas alunas no seu total, contabilizava muitas dezenas de moças, tanto órfãs como porcionistas. Assim, gostaríamos de ressaltar e fazer das palavras de Calado (1987) nossas palavras, com a finalidade de justificar e enaltecer a grande figura de Dom Viçoso:

Que se me perdoe a simplicidade, na certeza de que o interesse mais próximo do meu trabalho é o de que, independentemente das posições ideológicas de cada um, tanto crentes como não, possam como eu pude, conhecer, admirar e respeitar a figura grandiosa e simples do penicheiro, que foi o sétimo bispo de Mariana.⁹

Através do prólogo de Calado (1987) pode-se observar algo que todo biógrafo de Dom Viçoso ressaltava: sua simplicidade. A simplicidade que fazia com que um homem que poderia se aproveitar da situação de poder para qualquer interesse pessoal, insistisse em varrer seu próprio quarto. Somente um homem simples poderia entender tanto as necessidades de um povo desprovido. Somente um homem simples e grandioso poderia mudar a postura de um povo. Somente uma figura tão respeitável poderia *emparar* toda a população mineira. Assim, ao estudá-lo pode-se dizer que ele não foi somente o disciplinador do clero e da sociedade mineira. Foi acima de tudo um homem preocupado com a educação

mineira, tornando-se, assim, um dos homens mais importantes do século XIX em Minas Gerais, pela execução do talvez mais importante projeto educacional de nossa história.

1. PIMENTA, S.G. **Vida de Dom Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana, Conde da Conceição**. 2ed. Mariana: Typografia Arquiepiscopal, 1920, p. 35.
2. CARVALHO, J.G.V. **Viçosa Honra Dom Viçoso**. Viçosa: Jard, 1997, p. 30.
3. Idem, p.17.
4. AEAM - Manuscritos de D. Antônio Ferreira Viçoso. Bispo de Mariana, Conde da Conceição. 1840. p. 11
5. CARVALHO. Op. Cit., p. 21.
6. AEAM – Cartas Escritas por Dom Antônio Ferreira Viçoso. 1 volume.
7. ASSIS, R.M. A inteligência à deriva e a enfermidade social: idéias sobre ser humano e sociedade difundidas em Minas Gerais pelo jornal religioso Selecta Catholica (1846-1847). **Memorandum**, Belo Horizonte/Ribeirão Preto, n. 11, pp. 59-70, 2006. Disponível em <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/assis02.htm>>. Acesso em 03/07/2006.
8. ASSIS, R.M. A importância da educação e da tradição: lições do jornal religioso Selecta Catholica (1846-1847) sobre o cultivo das faculdades da alma e do espírito humano. **Memorandum**, Belo Horizonte/Ribeirão Preto, n. 8, pp. 106-115, 2005. Disponível em <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/assis01.htm>>. Acesso em 11/05/2006.
9. CALADO, M. **D. Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana**. Portugal: Gráfica Ideal de Cacilhas,

Referências Bibliográficas:

AEAM – Pastorais Escritas por Dom Antônio Ferreira Viçoso.

AEAM – Cartas Escritas por Dom Antônio Ferreira Viçoso. 1 volume.

AEAM – Manuscritos de D. Antônio Ferreira Viçoso. Bispo de Mariana, Conde da Conceição.

ASSIS, Raquel Martins. A importância da educação e da tradição: lições do jornal religioso *Selecta Catholica* (1846-1847) sobre o cultivo das faculdades da alma e do espírito humano. **Memorandum**, Belo Horizonte/Ribeirão Preto, n. 8, pp. 106-115, 2005. Disponível em <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/assis01.htm>>. Acesso em 11/05/2006

ASSIS, Raquel Martins. A inteligência à deriva e a enfermidade social: idéias sobre ser humano e sociedade difundidas em Minas Gerais pelo jornal religioso *Selecta Catholica* (1846-1847). **Memorandum**, Belo Horizonte/Ribeirão Preto, n. 11, pp. 59-70, 2006. Disponível em <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/assis02.htm>>. Acesso em 03/07/2006.

CALADO, Mariano. **D. Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana**. Portugal: Ideal de Cacilhas. 1987.

CÂMARA NETO, Isnard Albuquerque. **Roma Locuta, Causa Finita: A Reforma Ultramontana no Brasil**, 2007. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ultramontanismo>>. Acesso em 02/03/2007.

CERTEAU, Michel de. **Política e Mística**. Milano: JacaBook, 1975.

DANIEL-ROPS, Henry. **História da Igreja de Cristo**, Vol. V – A Igreja da Renascença e da Reforma (II). São Paulo: Ed. Quadrante, 1999.

FONTES, Henrique. **O Irmão Joaquim, Vicente de Paulo Brasileiro**. Florianópolis: Ed. Fac-similar – IOESC, 2002.

PALÚ, Lauro. **Dom Antônio Ferreira Viçoso, C.M.** Curitiba: Vicentina, 2003.

PIMENTA, Silvério Gomes. **Vida de Dom Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana, Conde da Conceição**. 2ed. Mariana: Typografia Arquiepiscopal, 1920.

RODRIGUES, F.C. **Cadernos Históricos do Arquivo Eclesiástico de Mariana. Os dois relatórios decenais de Dom Antônio Ferreira Viçoso**. V. 4. Mariana: Ed. Dom Viçoso, s/d.

ROMEIRO, Adriana; BOTELHO, Ângela Vianna. **Dicionário Histórico de Minas Gerais, Período Colonial**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da Língua Portuguesa**. Lisboa: Typographya Lacerdina, 1813. Tomo Primeiro.

SILVA NETO, Belchior José da. **Dom Viçoso**: Apóstolo de Minas. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1965.

VILLALTA, Luiz Carlos. O cenário urbano em Minas Gerais setecentista: outeiros do sagrado e do profano. Em: Departamento de História - ICHS/UFOP. **Termo de Mariana: história e documentação**. Ouro Preto: Editora da UFOP, 1998.

Bibliografia:

ANDRADE, Mariza Guerra de. **A educação exilada**. Colégio do Caraça. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ASSIS, Raquel Martins. **Psicologia, educação e reforma dos costumes: lições da Selecta Catholica (1846-1845)**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2004.

BOSCHI, Caio César. **Os Leigos e o Poder: Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais**, Ed. Ática, São Paulo. 1986.

_____. As visitas diocesanas e a Inquisição na Colônia. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.7, n. 14, mar./ago.1987.

BOXER, Charles R. **A idade do ouro no Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 2000.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Notas para uma história das idéias psicológicas em Minas Gerais. Em Conselho Regional de Psicologia. **Psicologia: possíveis olhares outros fazeres** (pp. 11-64). Belo Horizonte: CRP 4ª Região. 1992.

CARRATO, José Ferreira. **Igreja, Iluminismo e Escolas Mineiras coloniais: notas sobre a cultura da decadência mineira setecentista**. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo. 1968.

CARVALHO, Carlos Leôncio de. **Educação da infância desamparada**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883.

CARVALHO, José Geraldo Vidigal de (con.) **Viçosa Honra Dom Viçoso**. Viçosa. Ed.Jard. 1997.

DUARTE, Sérgio Guerra. **Dicionário brasileiro de educação**. Rio de Janeiro: Antares Nobel, 1986.

FIGUEIREDO, Cecília Maria Fontes. Religião, Igreja e religiosidade em Mariana no século XVIII. Em: Departamento de História - ICHS/UFOP. **Termo de Mariana: história e documentação**. Ouro Preto: Editora da UFOP. 1998.

FONSECA, C. D. e NORDMAN, D. **Pouvoirs, villes et territoires genèse et représentations des spaces urbains dans le Minas Gerais (Brésil) XVIII. - début du XIX siècle**. Tese de Doutorado. École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris (França). 2001.

LOPES, E. M. S. T. **Colonizador-colonizado**: uma relação educativa no movimento da História. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 1985.

MAGALHÃES, S. M. A Mesa do Seminário: Preferências e Possibilidades Alimentares na Mariana Oitocentista. In.: Departamento de História - ICHS/UFOP. **Termo de Mariana**: história e documentação (volume II). Ouro Preto: Editora da UFOP. 2004

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da Escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Instituto Braudel / Imprensa oficial. 2005.

_____. (org.). **Família, mulher, sexualidade e Igreja na história do Brasil**. São Paulo: Loyola/Cehila-Cedhal, 1993.

MASSIMI, Marina. A história das idéias psicológicas: uma viagem no tempo rumo aos novos mundos. Em Biasoli Alves, Zélia Maria Mendes e Romanelli, Geraldo (orgs.). **Diálogos Metodológicos sobre práticas de pesquisa** (pp. 11-30). Ribeirão Preto: FFCL-RP. 2000.

MANACORDA, Mário Alighiero. **História da educação**. Da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1997.

MANOEL, Ivan A. **Igreja e educação feminina (1859-1919)**: uma face do conservadorismo. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

MATOSO, Caetano da Costa. Informação das antiguidades da Cidade Mariana. Coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das Minas na América que fez o Doutor Caetano da Costa Matoso sendo ouvidor-geral das do Ouro Preto de que tomou posse em fevereiro de 1749 & vários papéis. Coord. FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida; CAMPOS, Maria Verônica. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1999. Em ROMEIRO, Adriana; BOTELHO, Ângela Vianna. **Dicionário Histórico de Minas Gerais, Período Colonial**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIMENTA, Silvério Gomes. **Vida de D. Antonio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana, Conde da Conceição**. Mariana. Typographia Archiepiscopal. 1920.

RODRIGUES, F.C. **Cadernos Históricos do Arquivo Eclesiástico de Mariana**. Mariana: Ed. Dom Viçoso, s/d.

SILVA NETO, Belchior José da. **D. Viçoso, Apóstolo de Minas**. Belo Horizonte, Imprensa Oficial. 1965.

SOUZA, Laura de Mello. **Norma e conflito**: aspectos da história de Minas no século XVIII. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 1999.

_____. **Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII.** Rio de Janeiro. Ed. Graal.1982.

TORRES, J. C. O. **História das Idéias Religiosas no Brasil** (a Igreja e a Sociedade Brasileira). São Paulo: Editorial Gripalbo Ltda. 1968.

TRINDADE, Raymundo. **Breve notícia dos Seminários de Mariana.** Publicação comemorativa do Bicentenário do Seminário e Cinquentenário Sacerdotal de Dom Helvécio Gomes de Oliveira, Arcebispo Metropolitano de Mariana. São Paulo: Gráfica da “Revista dos Tribunais” Ltda. 1951

VERGUEIRO, L. **Opulencia e Miséria nas Minas Gerais.** São Paulo: Brasiliense. 1981

VILLALTA, Luiz Carlos. (1998). O cenário urbano em Minas Gerais setecentista: outeiros do sagrado e do profano. Em: Departamento de História - ICHS/UFOP. **Termo de Mariana: história e documentação.** Ouro Preto: Editora da UFOP. 1998.